



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ
CAMPUS POETA TORQUATO NETO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
LICENCIATURA PLENA EM LETRAS PORTUGUÊS



ELLEN MARIA CUNHA E SILVA

O PROTAGONISMO FEMININO DE *ANNE DE GREEN GABLES* NA TRAVESSIA
DO LITERÁRIO À ADAPTAÇÃO TELEVISIVA

TERESINA
2025

ELLEN MARIA CUNHA E SILVA

**O PROTAGONISMO FEMININO DE *ANNE DE GREEN GABLES* NA TRAVESSIA
DO LITERÁRIO À ADAPTAÇÃO TELEVISIVA**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura Plena em Letras Português, da Universidade Estadual do Piauí, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras Português, sob orientação do Prof. Me. Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha.

TERESINA
2025

S586p Silva, Ellen Maria Cunha e.

O protagonismo feminino de Anne de Green Gables na travessia do literário à adaptação televisiva / Ellen Maria Cunha e Silva. - 2025.

58f.: il.

Monografia (Graduação) - Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Centro de Ciências Humanas e Letras, Licenciatura Plena em Letras-Português, 2025.

Orientador: Prof. Me. Dheiky do Rêgo Monteiro Rocha.

1. Protagonismo Feminino. 2. Literatura Juvenil. 3. Adaptação. 4. Anne Shirley. 5. Empoderamento. I. Rocha, Dheiky do Rêgo Monteiro . II. Título.

CDD 809.93372

Ficha elaborada pelo Serviço de Catalogação da Biblioteca da UESPI
JOSÉ EDIMAR LOPES DE SOUSA JÚNIOR (Bibliotecário) CRB-3^a/1512

ELLEN MARIA CUNHA E SILVA

**O PROTAGONISMO FEMININO DE *ANNE DE GREEN GABLES* NA TRAVESSIA
DO LITERÁRIO À ADAPTAÇÃO TELEVISIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
do Piauí, como requisito parcial para a
obtenção do título de Licenciada em
Letras Português, sob orientação do
Prof. Me. Dheiky do Rêgo Monteiro
Rocha.

Aprovado em: 23/06/2025

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Bruna Rodrigues da Silva Neres
(Presidente)

Profa. Dra. Maria do Socorro Rios Magalhães
(Primeira Examinadora)

Prof. Dr. Fabrício Flores Fernandes
(Segundo Examinador)

À minha querida avó, Francisca Cunha, que partiu recentemente, deixando em mim
um vazio impossível de descrever e uma saudade imensa.

Dedico estas páginas à mulher que foi abrigo, força e docura. Agradeço-a pelo
carinho, pelas palavras de incentivo e pelos ensinamentos que marcaram minha
vida. Esta monografia é também uma forma de honrar a sua memória.

Obrigada por ter me amado tanto!

Para sempre, sua neta.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me conceder a força e a oportunidade de transformar dificuldades em superações. Sem Sua permissão, nada disso seria possível.

À minha mãe Elaine Maria: reconheço os sacrifícios e os esforços voltados para este sonho. Palavras nunca serão suficientes para agradecer tanto amor e dedicação.

Ao meu pai José Arimatéa, por todos os ensinamentos que me guiaram até aqui. Sou imensamente grata por sua presença e por tudo que fez por mim.

Ao meu irmão José Filho, por estar sempre ao meu lado, apoiando-me e incentivando-me em tudo que eu decida fazer.

Aos meus avós maternos, Francisco Cunha (*in memorian*) e Francisca Cunha (*in memorian*), por suas palavras sábias e seu infinito amor.

Aos meus avós paternos, Antônio Xavier (*in memorian*) e Euzinha Xavier por todo o amor e carinho que me concederam dia após dia.

Às minhas tias e madrinhas, por acreditarem em mim, me inspirarem e me apoiarem em cada passo.

Ao meu sobrinho José Antony e à minha afilhada Maria Liz que com seus sorrisos e abraços tornaram meus dias mais leves e felizes.

Ao meu amigo, Philipe, que, ao me acompanhar em cada trajeto, esteve presente com serenidade, bom humor e confiança, acreditando que eu seria capaz, mesmo quando eu mesma duvidava.

Aos mestres, que com dedicação e sensibilidade contribuíram significativamente para a minha formação acadêmica e humana.

Ao meu orientador, professor Dheiky Rocha, por sua orientação, paciência e dedicação ao longo deste trabalho. Seu conhecimento e incentivo foram fundamentais para a realização desta monografia.

Aos meus colegas de turma, que tornaram essa jornada mais leve e significativa. Em especial, à minha amiga Fabiellen, por sua amizade e companheirismo em cada etapa.

Às minhas amigas, Ranaisa, Marília e Tayssa, por sempre estarem ao meu lado nos momentos bons e difíceis, oferecendo apoio e conselhos.

E, por fim, agradeço a mim mesma, por eu não desistir quando tudo parecia difícil, por acreditar em um sonho e por seguir em frente, mesmo nos dias mais

silenciosos.

“Não fui eu que lhe ordenei? Seja forte e corajoso! Não se apavore, nem se desanime, pois o Senhor, o seu Deus, estará com você por onde você andar” – Josué 1:9.

RESUMO

Esta pesquisa propõe um estudo sobre o tema representação do protagonismo feminino da personagem Anne Shirley, nos seguintes objetos de estudo: a obra literária *Anne de Green Gables* (2021), da autora Lucy Maud Montgomery, e a adaptação televisiva *Anne with an E* (2017-2019), dirigida por Moira Walley-Beckett. O objetivo é analisar de que maneira a transposição da narrativa original (literária) para a série amplifica e atualiza a figura feminina, abordando temas como identidade, autonomia e resistência às convenções sociais. A análise fundamenta-se nas teorias de adaptação, com base no pensamento de Hutcheon (2013) e Stam (2006), além de dialogar com perspectivas feministas, em especial as reflexões de Beauvoir (2009). Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza bibliográfica e comparativa, que toma como *corpus* o primeiro volume da obra literária e quatro episódios selecionados da adaptação televisiva, constantes em três temporadas. Os resultados apontam que, embora a obra literária já apresente uma subversão aos papéis de gênero tradicionais, a série televisiva aprofunda essa crítica ao incorporar discussões sobre empoderamento feminino, desigualdades sociais, racismo e diversidade sexual. Conclui-se que a adaptação não apenas preserva a força da personagem, mas também a reinsere em um contexto que reflete os desafios e anseios do público jovem leitor e espectador atual, reforçando a importância da representação feminina nas produções culturais.

Palavras-chave: Protagonismo feminino. Literatura juvenil. Adaptação. Anne Shirley. Empoderamento.

RESUMEN

Esta investigación propone un estudio sobre el tema la representación del protagonismo femenino del personaje Anne Shirley en los siguientes objetos de estudio: la obra literaria *Anne de Green Gables* (2021) de la autora Lucy Maud Montgomery y su adaptación televisiva *Anne with an E* (2017-2019), dirigida por Moira Walley-Beckett. El objetivo es examinar cómo la transposición de la narrativa original (literaria) para la serie amplifica y actualiza la figura femenina, abordando temas como identidad, autonomía y resistencia a las convenciones sociales. El marco teórico se fundamenta en las teorías de adaptación, con base en el pensamiento de Hutcheon (2013) y Stam (2006), además de dialogar con perspectivas feministas, en especial las reflexiones de Beauvoir (2009). Metodológicamente, se trata de una investigación cualitativa de carácter bibliográfico y comparativo, cuyo *corpus* incluye el primer volumen de la obra literaria y cuatro episodios seleccionados de la adaptación televisiva, distribuidos en tres temporadas. Los resultados indican que, aunque la obra literaria ya presenta una subversión de los roles de género tradicionales, la serie televisiva profundiza esta crítica al incorporar discusiones sobre empoderamiento femenino, desigualdad social, racismo y diversidad sexual. Se concluye que la adaptación no solamente preserva la fuerza del personaje, sino que lo reinscribe en un contexto que refleja los desafíos y anhelos del público joven lector y espectador actual, reforzando la importancia de la representación femenina en las producciones culturales.

Palabras-clave: Protagonismo femenino. Literatura juvenil. Adaptación. Anne Shirley. Empoderamiento.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Anne questiona Marilla em busca de respostas (24min40s).....	40
Figura 2 – Anne questiona Marilla acerca da diferença no tratamento entre meninos e meninas (25min29seg)	40
Figura 3 – Anne comenta sua opinião (25min45s)	41
Figura 4 – Rachel Lynde ofende Anne Shirley ao criticar sua aparência (55 min 30seg).....	45
Figura 5 – Anne confronta Rachel Lynde perante as suas críticas (55min 50seg).....	45
Figura 6 – Gilbert Blythe provoca Anne ao jogar pedrinhas para chamar sua atenção.....	46
Figura 7 – Anne reage às provocações de Gilbert Blythe (40min 24seg).....	46
Figura 8 – A professora da turma elogia os alunos diante das aprovações.....	50
Figura 9 – Anne é aprovada na universidade Queen's Academy.....	50
Figura 10 – Anne comemora com suas amigas a aprovação na prova.....	51

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	10
2	UM EXCURSO TEÓRICO DA TRANSPOSIÇÃO MIDIÁTICA NO ENTRELACE LITERATURA E SÉRIE TELEVISIVA	14
2.1	Da literatura ao televisivo: perspectivas teóricas.....	14
2.2	Da página à tela: o impacto do <i>streaming</i> na difusão de <i>Anne with an E</i>	23
3	ENTRE FICÇÃO E REALIDADE: O PROTAGONISMO FEMININO	27
4	ANNE, SUAS JORNADAS E RESSONÂNCIAS NA PÓS-MODERNIDADE	31
4.1	Do clássico ao contemporâneo: transformações de <i>Anne de Green Gables</i> e <i>Anne with an E</i>.....	31
4.1.1	Conhecimento das inquietações sociais no universo feminino	37
4.1.2	Consciência feminina diante de si e do mundo.....	43
4.1.3	Possíveis mudanças de realidades das mulheres	48
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55

1 INTRODUÇÃO

O tema desta monografia consiste no protagonismo feminino na obra literária *Anne de Green Gables* e na adaptação televisiva *Anne with an E*. Em face dessa escolha, consideramos pertinente realizarmos uma análise comparativa entre a obra literária *Anne de Green Gables* e sua adaptação televisiva *Anne with an E*, focando na representação do protagonismo feminino da personagem Anne Shirley, com ênfase nas transformações sociais e culturais, especialmente no que se refere ao papel da mulher, refletidas acentuadamente.

Desse modo, formulamos o seguinte problema de pesquisa: Como as representações de Anne Shirley em *Anne de Green Gables* e em sua adaptação *Anne with an E* apresentam o protagonismo feminino para o público juvenil e espectadores a refletirem sobre o papel da mulher na sociedade?

A escritora Lucy Maud Montgomery (1874–1942), nascida na Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá, enfrentou desde jovem as barreiras que a sociedade impunha às mulheres de seu tempo. Sua jornada como autora foi marcada por obstáculos sociais e pessoais, como o machismo no mundo editorial e a cobrança para que se encaixasse nos moldes tradicionais femininos. Mesmo assim, Montgomery conseguiu construir uma carreira literária de destaque, tornando-se uma das mais importantes vozes da literatura canadense. Seu primeiro romance, *Anne de Green Gables*, lançado em 1908, alcançou fama mundial, sendo traduzido para inúmeras línguas. Através da personagem Anne Shirley, a autora não só criou uma figura cativante e cheia de sonhos, mas também esboçou uma discreta crítica ao patriarcado, enaltecendo a independência das mulheres e a força da imaginação como formas de enfrentamento.

Nesse sentido, vislumbramos como hipótese que a adaptação televisiva *Anne with an E* retrata uma representação do protagonismo feminino que expande e atualiza temas de empoderamento e resistência presentes na obra original *Anne de Green Gables*, refletindo valores contemporâneos e uma maior consciência sobre questões de gênero e identidade. Essa ampliação contribui para fortalecer a figura da protagonista como modelo de determinação e autenticidade para o público juvenil, destacando-se no cenário de adaptações modernas por abordar com profundidade temas como igualdade de gênero, preconceito e direito das mulheres, de forma que ressoe com as expectativas e os desafios enfrentados pelos jovens de hoje.

Este estudo propõe como objetivo geral analisar a representação do

protagonismo feminino, comparativamente, na obra literária *Anne de Green Gables*, da escritora Lucy Maud Montgomery, e em sua adaptação televisiva *Anne with an E*, da diretora Moira Walley Beckett, investigando como cada versão apresenta a trajetória da personagem, seus valores e suas lutas em relação ao contexto social e cultural de cada época, a fim de identificar mudanças e permanências nos aspectos de autonomia, de identidade e de resistência feminina, representados para o público juvenil. Em se tratando dos objetivos específicos, elaboramos o seguinte: refletir sobre as questões teóricas relacionadas à adaptação da literatura para o cinema e apontamentos em torno do protagonismo feminino na sociedade; contextualizar os horizontes histórico e cultural em que as obras *Anne de Green Gables* e *Anne with an E* foram publicadas, abrangendo os séculos XX e XXI, em face das transformações da pós-modernidade; examinar as diferentes abordagens de gênero, preconceito e direitos das mulheres na obra literária e na adaptação televisiva.

É pertinente afirmarmos que a história da literatura juvenil durante muitos anos foi utilizada como uma ferramenta de socialização que reforçava os valores patriarcais, especialmente no que dizia respeito ao papel das mulheres na sociedade. Desde o século XIX, a literatura visava consolidar uma visão restritiva do lugar da mulher, incentivando a conformidade aos padrões tradicionais de feminilidade impostos pela sociedade.

Segundo a escritora Beauvoir (2009), os papéis destinados às mulheres são construídos socialmente de maneira que elas são ensinadas a buscar a aceitação de outras pessoas, objetificando-se e, consequentemente, abrindo mão de sua autonomia e aceitando uma posição de subordinação. Dessa forma, a mulher foi doutrinada a ser subordinada por todos os homens que a cercam, seja pai ou marido, sempre subjugada às expectativas e definições masculinas.

Entretanto, o protagonismo de Anne Shirley, personagem da obra *Anne de Green Gables* ([1908] 2021), escrita por Lucy Maud Montgomery, rompe com essas expectativas ao desafiar as normas patriarcais ao reivindicar sua própria identidade e espaço no mundo, não em relação ao homem, mas em relação a si mesma e seus sonhos. Ao afirmar: “Serei a heroína da minha própria história” (Montgomery, 2021), Anne se posiciona como protagonista de sua vida, inspirando outras jovens a fazerem o mesmo.

A adaptação televisiva *Anne with an E* (2017-2019) fortalece ainda mais essa ruptura baseada na obra literária *Anne de Green Gables* ao expandir e reafirmar a autonomia e resistência feminina para o público contemporâneo. Baseada na narrativa literária, a série insere o protagonismo feminino de Anne Shirley em um contexto ainda mais desafiador e complexo.

Para Mayer (2018, p. 13), a nova postura da representação feminina no audiovisual conduz a protagonista a uma posição de maior destaque, mais ativa, cujas ações impactam, independentemente de exercer ou não um papel de liderança dentro da trama. Nesse contexto, a série reforça um papel importante para a representatividade da mulher na adaptação televisiva da vida real para a ficção.

O tema desta pesquisa justifica-se pela significância que ambas as obras possuem tanto na representação feminina quanto nas suas implicações para o público juvenil, leitores e espectadores. A personagem Anne Shirley, tanto da obra literária de Lucy Maud Montgomery quanto na adaptação televisiva de Moira Walley-Beckett, é um exemplo de determinação, autenticidade e resistência em um contexto social que desafia as normas impostas às mulheres. Ademais, este estudo é de extrema importância ao reforçar a capacidade da literatura e da adaptação televisiva de proporcionar a reflexão acerca de questões sociais, relevantes para a formação de jovens leitores na contemporaneidade.

A metodologia desta pesquisa enquadra-se por meio de uma pesquisa bibliográfica, com caráter analítico, que visa analisar o protagonismo feminino na obra literária *Anne de Green Gables* (1908) e na adaptação televisiva *Anne with an E* (2017). A pesquisa será baseada em uma análise comparativa entre as duas modalidades da história.

A análise é composta pela obra literária, pela série *Anne with an E* e materiais complementares, como críticas e artigos acadêmicos que retratam sobre o tema do protagonismo feminino e as adaptações literárias. A análise da obra literária e da série será feita a partir de uma leitura atenta dos textos, com destaque na personagem Anne Shirley e nas mudanças realizadas na adaptação televisiva. Os instrumentos de coleta de dados incluirão a leitura e análise textual da obra literária, bem como a visualização e análise dos episódios da série, delimitados pelo *corpus* definido nesta pesquisa, a saber: “Sua determinação dita seu destino” (Temporada 1, episódio 1); “Obstinada pela juventude” (Temporada 1, episódio 3); “De coração para coração” (Temporada 3, episódio 10). Para auxiliar a análise do objeto de estudo, são utilizados artigos acadêmicos, resenhas críticas disponíveis em livros e periódicos especializados. A análise é feita por meio de uma abordagem qualitativa, com base, por exemplo, na teoria de Beauvoir (2009), que aborda a questão do protagonismo feminino, e nas definições de Hutcheon (2013) sobre adaptações cinematográficas e Clüver sobre intermidialidade.

Os procedimentos de coleta de dados envolverão a leitura detalhada dos textos e a visualização dos episódios da série, seguida de anotações, resumos, resenhas e fichamentos das passagens mais relevantes. Posteriormente, é realizada a comparação entre a construção da personagem de Anne na obra literária e na

adaptação, analisando como a série expande e/ou atualiza a representação da mulher presente no livro para o contexto social do leitor e espectador juvenil.

A monografia está dividida em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo explora os fundamentos teóricos da adaptação literária, discutindo conceitos como intermidialidade, transposição entre mídias e os impactos culturais da transposição de uma obra literária para a adaptação televisiva. O segundo capítulo examina a evolução do protagonismo feminino a partir de perspectivas feministas, analisando como a representação das mulheres nas narrativas foi construída, desafiada e ressignificada ao longo do tempo. Por fim, o terceiro capítulo compara a personagem Anne na obra *Anne de Green Gables* com sua adaptação televisiva na série *Anne with an E*, mostrando como elementos contemporâneos reforçam a força da protagonista feminina, por meio de eventos narrativos/cenas, tanto do livro literário quanto da série, identificando conexões com questões pós-modernas, especialmente no que se refere às angústias sociais das mulheres, sua consciência crítica e seu potencial transformador na realidade feminina.

2 UM EXCURSO TEÓRICO DA TRANSPOSIÇÃO MIDIÁTICA NO ENTRELACE LITERATURA E SÉRIE TELEVISIVA

Esta pesquisa aborda os aspectos teóricos, culturais e sociais presentes na adaptação da narrativa literária *Anne de Green Gables* para o seriado *Anne with an E*, destacando o protagonismo feminino, explorando as alterações fomentadas diante das perspectivas contemporâneas e seus reflexos com os contextos históricos e culturais das obras alinhados a pós-modernidade.

A adaptação de uma obra através de meios diferentes é o caso da presente monografia: *Anne de Green Gables* (primeiro volume) e *Anne With an E* são, ambas, obras do país do Canadá em língua inglesa. Estas pertencem a meios diferentes – literário e televisivo, sequencialmente –, formando uma relação intersemiótica entre si. As adaptações da obra de Montgomery abrangem diversos formatos, como filmes, mangás, programas de rádio e séries de TV – sendo estas últimas as mais conhecidas.

2.1 Da literatura ao televisivo: perspectivas teóricas

A literatura é uma manifestação artística que emprega a escrita para transmitir conhecimentos, pensamentos, sentimentos e histórias. Segundo Facina (2004), a literatura é composta por textos em grande parte ficcionais, que foram ganhando independência ao longo da história, principalmente depois de 1848. Neste ano, as revoluções na Europa acabaram fracassando, e esse desfecho levou muitos escritores e intelectuais a repensarem o lugar da literatura no debate político. Nesse contexto, consolidou-se a figura do escritor como alguém dedicado à experimentação com a linguagem. A literatura, segundo a autora, manifesta-se em diversas formas, como crônicas, romances, poesias e peças teatrais. De acordo com o crítico literário e sociólogo Cândido:

A literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (Cândido, 1998, p. 175).

Essa ideia destaca que a literatura não serve apenas para distrair, mas também para provocar questionamentos. Ela abre espaço para reflexões profundas sobre os dilemas humanos e os conflitos da sociedade. Como observa Vítor Silva:

A literatura não é algo estático – está sempre se renovando, criando novas narrativas que dialogam com seu tempo – não é neutra; ela tem um papel transformador e humanizador, contribuindo para desenvolver uma consciência crítica, educando e sensibilizando a sociedade. Ela exerce funções pelas quais vão além de um simples entretenimento ou registro histórico, sendo capaz de refletir e questionar a realidade, ultrapassando o mero ato de contar histórias (Silva, 1990, p. 14).

A literatura tem um papel fundamental na construção do pensamento crítico, como destaca Vítor Silva. Ao se conectar com o presente, ele pode desafiar padrões, valores e comportamentos enraizados na sociedade. Mais do que apenas entreter, a literatura se transforma em um instrumento de mudança, tanto social quanto individual, despertando no leitor uma visão mais aguçada e empática diante das desigualdades, contradições e desafios da condição humana. Assim, ler vai além de um simples passatempo, torna-se um ato de reflexão e, até mesmo, de ação sobre a realidade que nos circunda.

Conforme Coutinho,

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferentes dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social (Coutinho, 1978, p. 9-10).

Diante disso, a literatura contribui para a formação cultural, social e individual, funcionando como meio de reflexão sobre a sociedade e o ser humano exercendo funções que vão além do simples entretenimento ou registro histórico, ela atua como um importante agente formador da cultura e da consciência social. A literatura dialoga com o contexto histórico e social em que foi produzida, sua função é criticar, denunciar ou representar valores e ideais. Esse gênero destaca seu papel no

desenvolvimento de personagens e na construção da identidade.

O cinema é uma poderosa forma de expressão que une imagem, som e narrativa para criar histórias capazes de emocionar e surpreender. Como destaca Brandão, foi em 1942 que Rioccitto Canudo, em seu famoso “Manifesto das Sete Artes”, consagrou definitivamente o cinema como arte – a sétima, completando a lista que já incluía arquitetura, escultura, pintura, música, dança e poesia.

Canudo inscreve o Cinema no domínio das outras Artes, conferindo-lhe um carácter estético; reconhece o Cinema enquanto linguagem, capaz de renovar, transformar e difundir as outras Artes, num projeto de Arte Total; paralelamente, o autor esforça-se por definir as propriedades do Cinema (Brandão, 2008, p. 7).

Morin (2003) argumenta que o cinema resgata uma forma primitiva de percepção do mundo, possibilitando a integração do fantástico à realidade. Para ele, a linguagem cinematográfica permite a concomitância entre o imaginário e o real.

A literatura, que remonta a milênios antes de Cristo, e o cinema, surgido apenas no século XIX, têm mantido, ao longo do tempo, uma rica relação inter-semiótica. A análise dessas interações, bem como os variados papéis que a literatura assume na contemporaneidade, tem gerado um diálogo enriquecedor acerca da relação entre seus diferentes sistemas de signos.

Cosson (2014, p. 15) afirma que a literatura, tomada em sentido amplo, “estaria em nossos dias experimentando uma nova forma de alargamento ao ser difundida em diferentes formatos e veículos, usualmente em composição com outra manifestação artística”. Ou seja, ela transcende as palavras escritas e manifesta-se em diversas maneiras de arte, favorecendo um diálogo criativo e enriquecedor entre diferentes expressões artísticas como no cinema, musicais, histórias em quadrinhos, teatro, entre outras.

Segundo Milton (1998), desde a Idade Média, a adaptação tem sido um elemento presente na literatura, sendo comum que narrativas já existentes em outras línguas fossem recontadas em inglês. Diante da presença do literário nas adaptações cinematográficas, Bazin afirma que:

O romance tem, sem dúvida, seus próprios meios, sua matéria é a linguagem [verbal], não a imagem, sua ação confidencial sobre o leitor isolado não é a mesma que a do filme sobre a multidão das salas escuras. Mas, justamente as diferenças de estruturas estéticas tornam ainda mais delicada a procura das equivalências; elas

requerem ainda mais invenção e imaginação por parte do cineasta que almeja realmente a semelhança (Bazin, 1991, p. 95).

A literatura e o cinema, cada um com seu modo, operam como sistemas semióticos distintos. Como afirma Jakobson (1976), a tradução intersemiótica é justamente essa interpretação de signos verbais em linguagens não-verbais – um processo que permite, por exemplo, que uma obra literária ganhe outras formas artísticas, como música, dança, cinema ou até na pintura.

Amorim (2013), ao pensar nas adaptações de obras literárias para o cinema (e ampliando isso às adaptações televisivas), destaca como essas mídias são terrenos férteis para uma abordagem intersemiótica, pois elas não se resumem a uma única linguagem: são um mosaico de códigos verbais, imagens (paradas ou em movimento), sons (trilhas, ruídos, silêncios), jogos de luz e sombra, escolhas de câmera, enquadramentos, além de outros elementos que possam surgir.

A literatura tem uma relação intrínseca com o cinema, se fazendo presente de maneira explícita através das adaptações, sendo um modo da obra ser reinterpretada, ampliada. Além disso, ele pode se manifestar também com novas interpretações, alcance de diferentes públicos e terem obras revisitadas por meio de uma linguagem visual e sonora.

Essa interação promove um diálogo rico, ampliando a acessibilidade das narrativas literárias e permitindo que espectadores se conectem a histórias de formas inovadoras. Ao mesmo tempo em que o cinema também incentiva a leitura, desperta o interesse por obras que antes poderiam passar despercebidas, assim reforçando a importância de diferentes expressões artísticas, complementam enriquecendo a experiência cultural e estimulando as reflexões sobre a sociedade, a história e as emoções humanas.

A análise intersemiótica é o estudo de signos em um meio a outro. Cosson complementa que:

O literário do filme é, portanto, essa interpretação feita com base no roteiro, mas que não se reduz a ele, antes compõe um todo junto com outros elementos, daí receber a denominação de filme. Essa condição literária fica mais clara quando ocorre a transposição de um romance para a tela (Cosson, 2014, p. 17).

Nesse viés, ao transitar pelo cinema, observa-se que a literatura não apenas enriquece sua própria expressão, mas também amplia o alcance de suas ideias e

sentimentos. Essa interação estimula novas formas de interpretação, reforça conexões culturais e provoca reflexões sobre as múltiplas possibilidades do ser humano.

No Ocidente, a adaptação é praticada desde a Antiguidade grega (c. VI, a.C.), com os ditirambos, ou “o canto e o ritual em louvor a Dionísio” em forma de “canção, dançada e coreografada, ao som de flautas, que narrava os fatos da vida do deus e durava vários dias” (Lopes, 2020). A partir do século XIX, com o surgimento do cinema e, em seguida, de outras mídias, as formas de adaptação passaram a se diversificar cada vez mais.

Como aponta Benjamin (1994), a técnica de produção do filme determina sua capacidade de reprodução e difusão, o que o diferencia da literatura e de outras formas de arte tradicionalmente vinculadas à singularidade da experiência estética. Ou seja, a adaptação de uma obra literária para o cinema vai além da simples transposição da história. Diferente da literatura, o cinema depende da imagem, do som e do movimento, além de sua ampla reproduzibilidade, que amplia o alcance da obra.

Irina Rajewsky (2005, p. 51) afirma que:

a transposição midiática é o processo de transformação de um texto de uma mídia para outra, levando em conta as possibilidades materiais e as convenções próprias do novo meio. Nesse processo, o texto original serve como base para a construção do texto-alvo, que adapta e reorganiza seus elementos de acordo com as especificidades da nova mídia’.

Com isso, este trabalho consiste em apoiar-se, principalmente, na “teoria da adaptação” denominada por Amorim (2013), elaborada pelos autores como Robert Stam, Linda Hutcheon e Julie Sanders. Pois, o objetivo é explorar como a adaptação da protagonista da obra de Montgomery na série *Anne With an E* levando em conta, os recursos televisivos utilizados para adaptá-la. Ao produzir a adaptação de uma obra, revela-se a narrativa diante de uma nova perspectiva, que pode seguir de perto ou de se distanciar da obra original, trazendo novos elementos e interpretações que enriquecem a experiência dos espectadores.

Para embasar sua proposta teórica sobre o processo de adaptação como uma recriação criativa, Hutcheon (2013) apropriou-se das três dimensões das adaptações como produto (o texto ou obra adaptada), como processo (as escolhas criativas

realizadas na transposição de mídias) e como recepção (a interação entre o público e a obra adaptada), respectivamente.

Baseado em estudos enunciativos, Hutcheon (2013, p. 60) define que “a adaptação é um tipo de palimpsesto extensivo, e com frequência, ao mesmo tempo, uma transcodificação para um diferente conjunto de convenções”. Ou seja, as adaptações carregam vestígios da obra original, não sendo vista como uma “cópia”, mas como uma recriação tendo valor estético e narrativo independente, ofertando uma nova visão da obra literária e dos contextos que a envolvem.

A adaptação de uma obra permite que a narrativa seja revisitada sob um novo olhar, podendo seguir mais próxima do original ou se distanciar dele. Para Hutcheon (2013), esse processo representa uma transposição cultural, muitas vezes com o objetivo de adequar a história ao público alvo, no caso, os leitores e espectadores.

Nesse sentido, Stam (2008) afirma que “uma adaptação é automaticamente diferente e original devido à mudança do meio de comunicação”. Diante dessa perspectiva, observa-se que o cinema não deve ser avaliado exclusivamente por sua finalidade ao texto literário correspondente, mas sim por sua capacidade de expandir a obra por meio de intertextos, inviabilizando uma proposta de fidelidade literal.

Com isso, Fischlin e Fortier (*apud* Hutcheon, 2013, p. 30) relatam que “grosso modo, a adaptação inclui quase toda alteração feita em certas obras culturais do passado, vinculando-se, pois, a um processo de recriação cultural mais amplo”, ou seja, a obra adaptada, geralmente é renovada ou transformada.

Cartmell (1999) sugeriu diferentes níveis de relação entre a adaptação e a obra original, ressaltando três eixos principais: a transposição, o comentário e a analogia:

“Transposição”, no qual o texto literário é transferido tão cuidadosamente quanto possível para o filme (o *Hamlet*, 1996, de Branagh, por exemplo); “comentário”, no qual o original é alterado (como em *A letra escarlate*, 1995, de Joffé), e “analogia”, no qual o texto original é usado como um ponto de partida (como em *As patricinhas de Beverly Hill*, 1995, de Amy Heckerling) (Cartmell, 1999, p. 24).

De acordo com a autora, a definição de “transposição” seria o que mais se aproxima da obra original; o “comentário” representaria uma simples distância da obra de origem, mas sem mudanças significativas na adaptação; por fim, a

"analogia" seria a mais distante, sobretudo mantendo a ideia central da trama.

Pode-se entender que *Anne With an E* configura uma adaptação televisiva, já que, conforme será analisado no último capítulo, a série, apesar de modificar o título, reelabora muitos elementos das obras de Montgomery, embora também se distancie de certos aspectos originais.

Entretanto, o curioso é que, embora sejam amplamente populares e bem recebidas pelo público, às vezes as adaptações não são vistas pela crítica especializada como trabalhos artísticos, como aponta Hutcheon na introdução do seu livro *Uma teoria da adaptação*, onde a autora descreve como "uma tentativa de considerar não apenas essa contínua popularidade [das adaptações], mas também a constante depreciação crítica do fenômeno geral da adaptação – em todas as suas várias encarnações midiáticas" (Hutcheon, 2013, p. 11).

O cinema, ao agregar a imagem cinematográfica como material criativo, desenvolve variadas maneiras de representar a experiência humana, que dialogam com, mas não dependem da literatura. Tornando-se um encontro de linguagens que constroem pensamentos. Avellar afirma que:

A relação entre literatura e cinema se realiza no instar da linguagem, bem ali onde se forma o pensamento. Existe porque o cinema, como a literatura, é linguagem. Porque no interior da linguagem (para flagrar o movimento, o acaso, o passar do tempo) inseriu-se a imagem cinematográfica; porque desenvolvemos um outro material para a criação de formas que constroem o pensamento que constrói a linguagem que constrói novos pensamentos: a imagem cinematográfica (Avellar, 2007, p. 113).

Desse modo, a adaptação da literatura ao cinema não é um simples processo de transposição, mas sim, uma recriação que envolve transformação, inovação e expansão. Ela é capaz de reinterpretar, amplificar e enriquecer a experiência estética e cultural da obra original. Isso estabelece o cinema como uma linguagem independente, capaz de dialogar criativamente com a literatura sem estar subordinado a ela.

Existe uma expectativa de que as adaptações sejam fieis à obra original, mas esse conceito é questionado por Stam:

Na realidade, podemos questionar até mesmo se a fidelidade estrita é possível. Uma adaptação é automaticamente diferente e original devido à mudança do meio de comunicação. A passagem de um

meio unicamente verbal como o romance para um meio multifacetado como o filme, que pode jogar não somente com palavras (escritas e faladas), mas ainda com música, efeitos sonoros e imagens fotográficas animadas, explica a pouca probabilidade de uma fidelidade literal, que eu sugeriria qualificar até mesmo de indesejável (Stam, 2008, p. 20).

Segundo o autor, para evitar visões sobre a fidelidade nas adaptações, é fundamental compreender a adaptação não como uma mera reprodução original, mas como uma criação autônoma, resultado advindo de um novo ato criativo, com características próprias. Ao tratá-la como um processo de recriação, a adaptação é vista como uma (re)interpretação e (re)criação, na qual o adaptador primeiramente se apropria do texto original e, em seguida, o reinventa. O teórico argumenta:

A adaptação faz parte de um espectro de produções culturais niveladas e de forma inédita, igualitárias. Dentro de um mundo extenso e inclusivo de imagens e simulações, a adaptação se torna apenas outro texto, fazendo parte de um amplo contínuo discursivo (Stam, 2008, p. 24).

De modo geral, nota-se uma divisão clara entre os espectadores de *Anne with an E*: os fãs que já conheciam os livros de L. M. Montgomery tendem a ser mais críticos em relação à adaptação, enquanto aqueles que descobriram a história diretamente pela série costumam recebê-la com maior entusiasmo. Essa diferença faz sentido se pensarmos que, como afirma Hutcheon (2013), uma adaptação só é realmente percebida como tal quando o público tem a obra original como referência – caso contrário, ela é vista como uma criação independente.

Falando um pouco mais sobre a série, *Anne with an E* foi produzida pelo canal canadense CBC e estreou em março de 2017, chegando à Netflix dois meses depois. Com roteiro de Moira Walley-Beckett (conhecida por seu trabalho em *Breaking Bad*), a direção foi um trabalho coletivo, com nomes como Niki Caro (*O Espetáculo da Vida*), Helen Shaver (*Station Eleven*) e Patricia Rozema (*Mansfield Park*), cada um imprimindo seu estilo próprio aos episódios.

Em uma análise publicada no jornal estudantil norte-americano *The Daily Utah Chronicle*, o editor de artes Jayswal (2020) não economizou elogios à adaptação: "O remake do clássico ficou melhor que o original", afirmou. Apesar de considerar a versão da Netflix "brutal" em seu retrato realista da vida de uma órfã no século XIX, ele destacou que a série conquistou o público justamente por "não só

dar vida à história original, mas enriquecê-la de um jeito autêntico".

Antes mesmo do lançamento, a imprensa já apontava o que tornaria *Anne with an E* diferente. O Deadline, por exemplo, adiantou que a produção preservaria o cerne do livro, mas acrescentaria tramas paralelas abordando identidade, preconceito e auto-aceitação – uma escolha que modernizou a narrativa e a conectou com debates atuais. Essa abordagem explica boa parte do carinho que a série recebeu do público.

A Anne da série é bem diferente daquela dos livros: mais ousada, resistente e disposta a enfrentar as injustiças ao seu redor. Além da imaginação vibrante que já conhecemos, essa nova versão da personagem lida com questões como racismo, *bullying* e desigualdade de gênero – conflitos que não só aprofundam sua personalidade, mas também trazem camadas de relevância para sua jornada.

Esse tipo de atualização é justamente um dos grandes temas quando se fala em adaptações hoje em dia. *Anne with an E*, baseada no clássico *Anne de Green Gables*, não só transporta a história para os nossos tempos, mas a reconstrói a partir de um novo olhar. Como bem observa Hutcheon (2013), adaptações não são apenas releituras de uma obra original; elas são conversas ativas com o contexto histórico e cultural em que são criadas.

Com isso, as mudanças feitas na série não são aleatórias. Elas refletem tanto a visão dos criadores quanto o mundo em que vivemos hoje. Afinal, o público de 1908 (quando o livro foi publicado) não é o mesmo de 2017 – e, para que a história continue a ecoar, ela precisa falar a língua do seu tempo.

A série *Anne with an E* chega a um público diferente daquele que leu em *Anne de Green Gables* quando a obra foi lançada originalmente. Essa diferença de contexto sociocultural influencia diretamente em como a história é interpretada e recebida hoje. Cada geração tem suas angústias e dilemas – e é por isso que uma mesma adaptação pode ser recebida de formas tão diferentes ao longo do tempo. Aquele livro ou série que hoje parece revolucionário, daqui a 20 anos pode soar datado ou, quem sabe, ganhar novos significados inesperados.

A teoria do "horizonte de expectativas", do alemão Hans Robert Jauss (1994), entra em cena. Ela nos ajuda a entender como o público recebe uma obra de arte dependendo do contexto histórico em que está inserido. Segundo ele, a forma como recebemos uma obra depende das nossas experiências e referências culturais. Isso explica por que uma adaptação pode causar impactos diferentes dependendo de

quando e para quem ela é feita – seja na literatura, no cinema ou na TV. Manter uma narrativa relevante ao longo do tempo exige, muitas vezes, uma atualização de seus temas e abordagens.

O tempo é um elemento crucial no processo de adaptação. Por mais fieis que tentem ser, as adaptações nunca conseguem reproduzir uma obra original sem transformá-la. Até quando mantêm diálogos, personagens e enredos intactos, algo sempre se modifica – seja pelo formato, pelo contexto ou simplesmente pela passagem do tempo.

Um exemplo clássico são as duas versões de *Orgulho e Preconceito*: o filme de Joe Wright (2005) e a minissérie da BBC (1995). Como explica Hutcheon (2013), as escolhas de ambientação e estilo refletem o contexto em que foram produzidas, mostrando como a cultura e as expectativas do público se transformam com o passar dos anos.

Outro aspecto relevante para a abordagem de *Anne with an E* enquanto adaptação é o contexto comercial. Hutcheon (2013, p. 197) ressalta que “os mecanismos de promoção e as estratégias de marketing impõem uma interpretação adicional à obra, influenciando a forma como ela é percebida pelo público”. Assim, detalhamos na seção 2.2, *Anne with an E* beneficiou-se significativamente do amplo alcance e da eficácia da distribuição via Netflix, como sugerimos.

2.2 Da página à tela: o impacto do streaming na difusão de *Anne with an E*

Nos anos 1930, quando a televisão chegou às lojas, parecia coisa de ficção científica. De repente, não era só a voz do locutor de rádio que entrava nas casas – eram rostos, gestos, cenas inteiras se movendo naquela caixa mágica de madeira. As pessoas aglomeravam-se em vitrines de lojas só para ver aquilo funcionando, como se fosse um truque de mágica. Raymond Williams, em sua obra *Televisão: tecnologia e forma cultural* (2016), argumenta que a TV não foi apenas uma invenção técnica, mas algo que mudou profundamente a maneira como vivemos. Essa transformação não aconteceu da noite para o dia. A televisão foi se construindo passo a passo, acompanhando tanto os saltos tecnológicos quanto as mudanças no jeito das pessoas assistirem, informarem-se e divertirem-se.

Quando a TV finalmente conquistou seu lugar na sala de estar, ela não só entrou nos lares – mudou a vida dentro deles. Com sua variedade de novelas,

jornais e, principalmente, comerciais, acabou virando uma espécie de espelho da sociedade. As famílias não só assistiam – aprendiam dali como falar, como consumir.

O papel da televisão vai além de um simples entretenimento, ela age como um espaço de compartilhamento de informações e construção de identidades culturais. Wolton (1996) argumenta que ela mantém uma conexão essencial entre a democracia e a comunicação de massa, funcionando como um elo social. A televisão sempre foi mais que uma simples caixa de imagens – como bem observou Wolton (1996) –, quando ligamos a TV, estabelecemos uma conexão invisível mas poderosa com todo um coletivo. É aquela sensação de estar participando de algo maior, mesmo estando sozinho no sofá.

Henry Jenkins (2006, p. 17) apontava que “a convergência das mídias resultou em um ambiente no qual o público não é mais apenas um consumidor passivo, mas um participante ativo, buscando, escolhendo e interagindo com os conteúdos que deseja assistir”. No decorrer das últimas décadas, a TV dominava como principal meio de acesso à programação, mas os DVDs, videocassetes e os serviços de VOD (Vídeo Sob Demanda) deram ao espectador a alternativa de poder decidir o que assistir, quando e como. Com o surgimento de plataformas como a Netflix, essa mudança se consolidou de vez, oferecendo uma vasta variedade de filmes e séries disponíveis a qualquer momento, tornando a experiência do usuário muito mais individualizada.

Pouca gente imagina, mas a Netflix – atualmente muito conhecida no *streaming* – começou de uma forma bem diferente. Nos anos 90, ela era basicamente uma “videolocadora digital”: o indivíduo escolhia filmes em um site, recebia os DVDs pelos Correios e devolvia em até 14 dias. Como destacam Schiontek, Cohene e Buiatti (2017), os fundadores Reed Hastings e Marc Randolph criaram esse modelo em 1997, numa época em que alugar um filme ainda significava ir até uma loja física.

No entanto, como apontam Schiontek, Cohene e Buiatti (2017), esse formato tradicional de locação se mostrava financeiramente oneroso para a empresa. Diante disso, em 1999, a plataforma decidiu inovar ao introduzir um sistema de assinatura mensal, buscando não apenas equilibrar, mas também fortalecer o vínculo com os clientes. Essa mudança estratégica foi fundamental para pavimentar o caminho que levaria, em 2007, ao serviço de *streaming* – eliminando de vez a dependência de

mídias físicas e permitindo o acesso imediato a filmes e séries.

O *streaming* faz muito sucesso por conta da tecnologia; como explica Clemente (2006), o *streaming* permite assistir a conteúdos enquanto eles são baixados – sem precisar esperar o *download* terminar; da oferta diversificada, pois através da famosa "cauda longa" de Anderson (2006) mostra como plataformas como a Netflix beneficiam tanto nichos específicos quanto o grande público. Afinal, ali um fã de documentários sobre tubarões tem tanto espaço quanto quem só quer ver filmes de ação e liberdade, de assistir onde, quando e como quiser virou regra – e o *streaming* entendeu isso antes de todo mundo.

Muitas vezes as pessoas perdem a noção do tempo assistindo a "só mais um episódio". O hábito de assistir a vários episódios de uma vez só – conhecido como *binge-watch* – foi definido pelo dicionário de Oxford da seguinte maneira:

A palavra *binge-watch* tem sido usada em círculos de fãs de televisão desde o fim dos anos 1990, mas sua explosão para o uso pela cultura de massa se deu em 2013. O contexto original era assistir a programas em temporadas completas por caixas de DVD, mas a palavra teve seu próprio (contexto) com o advento do assistir sob demanda e do streaming. Em 2013, *binge-watching* ganhou um novo impulso quando a empresa de videostreaming Netflix começou a disponibilizar episódios de sua programação seriada toda de uma vez (Oxford, 2013)¹.

Mas, no mundo das séries, ganhou um significado mais leve: mergulhar de cabeça em histórias sem precisar esperar uma semana pelo próximo capítulo. As plataformas de *streaming* incentivam esse comportamento. Recursos como a reprodução automática do próximo episódio (aquele contagem regressiva que parece nos desafiar a clicar em "continuar") transformam a experiência em algo quase hipnótico. Nos anos 1990, com a popularização da web, as redes sociais viraram a "segunda tela" dos espectadores. Como mostram Coca e Mendonça (2013):

Esse números indicam por que as emissoras de TV estão preocupadas com o diálogo da televisão com a internet, interação já percebida pelos produtores como um modo de alavancar os negócios e, por que não, também a audiência (Coca; Medonça, 2013, p. 3).

¹ Tradução nossa a partir da entrada oficial da expressão no dicionário Oxford online, disponível em: <<http://blog.oxforddictionaries.com/press-releases/oxford-dictionaries-word-of-the-year-2013/>>

Assim, o sucesso da Netflix se deve, em parte, a conceitos que contrastam com a lógica tradicional da TV. Enquanto as emissoras dependem de audiência imediata para justificar a permanência de uma série no ar, o *streaming* permite que as produções ganhem público de forma gradual. Além disso, as plataformas controlam tanto a distribuição quanto à exibição dos conteúdos em um único ambiente, garantindo maior autonomia sobre seus lançamentos.

Clüver (2007, p. 2) conceitua a intermidialidade como “a presença de diferentes formas de inter-relação e interação entre mídias, abrangendo a maneira como elas dialogam e se influenciam mutuamente”. No contexto de *streaming*, essa inter-relação entre mídias se intensifica, pois a adaptação televisiva de *Anne with an E* não apenas adapta o romance *Anne de Green Gables* para o televisivo, mas também amplia sua recepção ao ser disponibilizada em uma plataforma digital.

Os conceitos abordados nesta seção ajudam a compreender o sucesso da série *Anne with an E*, baseada no livro *Anne de Green Gables*, que até então não era amplamente conhecido em diversos países, incluindo o Brasil. A produção conquistou um público de espectadores graças à caracterização marcante da protagonista, à fotografia envolvente e à trilha sonora emocionante. No entanto, após três temporadas, a série não foi mais renovada para uma quarta temporada, porque envolve questões judiciais com familiares de Montgomery.

No capítulo seguinte, será realizada uma análise sobre o protagonismo feminino, explorando conceitos e discussões que fundamentam a construção da personagem e sua relevância na narrativa.

3 ENTRE FICÇÃO E REALIDADE: O PROTAGONISMO FEMININO

Historicamente, a presença da mulher como figura central nas narrativas literárias nem sempre foi comum, sendo diversas vezes relegada a papéis secundários e estereotipados na sociedade – como donzelas em perigo, figuras maternas –, sendo vista como uma figura subordinada e vinculada exclusivamente ao espaço doméstico, quase sempre em função das ações dos personagens masculinos, bem como a literatura mundial do século XX é repleta de exemplos que representam esse ponto de vista.

Um exemplo que demonstra a complexibilidade estabelecida no protagonismo feminino são *Peter and Wendy* (1904), de J. M. Barrie, em que a personagem Wendy é representada como uma figura maternal desde muito jovem, assumindo o papel de cuidar dos Meninos Perdidos e de Peter. Outro exemplo é *A casa na Campina* (1935), de Laura Ingalls Wilder, a obra narra a vida da família Ingalls em um ambiente rural. As figuras femininas, como Laura e sua mãe, são associadas ao espaço doméstico, como cuidar da casa, cozinhar e manter a harmonia familiar.

Em seus estudos, Amaral (2004) afirma que a literatura juvenil perpetua a divisão social de gêneros ao reproduzir de maneira constante o papel feminino tradicional, sendo as personagens femininas associadas às atividades domésticas, enquanto os homens ocupam espaços de destaque nas esferas públicas, assumindo cargos de grande notoriedade.

Ou seja, esta visão também se refletiu na literatura, onde as personagens femininas nas obras frequentemente foram moldadas para sustentar um propósito específico. Desse modo, Amaral afirma:

E nessas representações, cabe ao gênero feminino as tarefas e qualidades menos valorizadas socialmente, já que lhe é imputado um status inferior, estabelecendo-se uma hierarquia entre um gênero e outro com base em tais imagens, tão fortemente enraizadas na cultura, fica difícil perceber e aceitar alguém fora desse perfil, gerando permanentes situações conflituosas. E mais acirradas quando alguém se manifesta de outra maneira (Amaral, 2004, p. 17).

No entanto, essa perspectiva foi questionada algumas décadas depois através da crítica feminista e da ascensão da mulher mediante os textos literários, desconstruindo essas representações, oferecendo novas narrativas para a figura

feminina. Desde Virginia Woolf, em *Um teto todo seu* (1929), a reivindicação por espaço e autonomia para a voz feminina ecoa como um manifesto: sem liberdade material e simbólica, não há criação verdadeira. Hoje, nas narrativas contemporâneas – sobretudo as destinadas ao público jovem –, o protagonismo das mulheres não só se afirma como se amplia, mostrando personagens complexas, donas de suas escolhas e desejos. Essas histórias não são apenas entretenimento; são ferramentas que moldam consciências, formando leitores mais críticos em relação às desigualdades de gênero e à diversidade humana.

Como aponta Beauvoir (2009, p. 741), “para a mulher libertar-se, ela deve começar por afirmar sua autonomia”. A maneira como as personagens femininas são construídas – seus conflitos, suas conquistas, os lugares que ocupam no enredo – pode tanto cristalizar estereótipos quanto rachar suas bases. Protagonismo, afinal, não se mede pela simples presença de mulheres na trama, mas pela profundidade de suas jornadas, pela relevância de suas ações e pelo rastro que deixam no imaginário de quem lê.

Entender essa transformação exige ir além da contagem de personagens: é preciso perguntar como elas existem nas páginas, quanto espaço lhes é concedido e, sobretudo, que perguntas “incendeiam” na cabeça do leitor. O protagonismo feminino não é um detalhe narrativo – é uma revolução silenciosa, uma linha de frente na batalha por representações que libertam em vez de aprisionar.

O protagonismo feminino, compreendido como a centralidade da mulher na narrativa e sua autonomia como sujeito de ação, emerge como uma resposta crítica a essa tradição, sendo resgatado e reformulado diante das reivindicações dos movimentos feministas que vêm reivindicando direitos, reconhecimento e espaços de fala para as mulheres e das transformações culturais do século XX.

Tanto na literatura quanto na mídia, esse protagonismo se expressa por meio de personagens femininas que rompem com estereótipos tradicionais, enfrentam desafios impostos por uma sociedade patriarcal e constroem seus caminhos de forma autônoma. O papel social das mulheres foi marcado pelo silenciamento, marginalização e submissão às estruturas “dominantes”. Como destaca Beauvoir em *O segundo sexo* (1949, p. 265), “não se nasce mulher: torna-se mulher”, em referência à construção social que limita a identidade feminina a papéis pré-estabelecidos. A autora afirma como a mulher foi, durante muito tempo, reduzida ao “Outro”, em oposição ao sujeito masculino.

Diante disso, o feminismo surgiu no século XIX, através de uma sociedade liberal que, segundo Cancian (2016), “está associado às contradições [...], onde as leis em vigor formalizavam juridicamente as diferenças entre os sexos masculino e feminino”. Já o surgimento do movimento feminista nasce como uma organização social a partir da década de 1960 reivindicando a libertação da mulher. Com isso, é explicitado que “o movimento feminista passa a ser caracterizado como movimento social e político que não abria mão do enfrentamento com os poderes públicos pela garantia de direitos e igualdade entre homem e mulher” (Mendes; Vaz; Carvalho, 2015, p. 4). Além disso, o feminismo luta por direitos iguais, rejeitando a ideia de que o papel das mulheres deve ser subordinado aos homens.

Com o surgimento do movimento feminista, a mulher começou a ampliar seu espaço na sociedade e a ocupar lugares que anteriormente não ocupava simplesmente por ser mulher. A primeira onda feminista ocorreu no final do século XIX e início do século XX, pelas quais as principais reivindicações são o fim dos casamentos forçados, o direito ao voto feminino e o acesso à educação formal.

Decorrente das inúmeras opressões que a sociedade impôs e impõe contra mulher surge um campo constituído fundamentalmente por mulheres anunciando a reivindicação de seus direitos e denunciando as desigualdades de classe e etnia, mas principalmente de gênero, consolidando o processo de construção de uma identidade feminina voltada para a emancipação política e social da mulher (Mendes; Vaz; Carvalho, 2015, p. 2).

O debate feminista e a emersão da segunda onda ocorreram após a Segunda Guerra Mundial, diante do movimento pelos direitos civis e a revolução sexual na década de 1960 onde o foco foram os direitos reprodutivos, sexualidade, papel das mulheres na sociedade e no mercado do trabalho. Foi incentivado diante do impacto do advento da pílula anticoncepcional, aprovada como método contraceptivo em 1960, nos Estados Unidos. Isso permitiu às mulheres terem uma autonomia no controle da natalidade, sendo assim, um feminismo que começou a ficar mais atento às questões de raça, classe e sexualidade.

A terceira onda feminista teve início na década de 1990 com foco principal na diversidade e interseccionalidade (raça, classe, sexualidade), ocorrendo diante da expansão do feminismo em torno de questões globais. A presença das mulheres na participação da sociedade possibilitou o poder de decisão. Nesse contexto, o

feminismo trouxe diversas conquistas para as mulheres, incluindo o incentivo para que sigam suas próprias vontades e desejos. Contudo, a sociedade ainda impõe a expectativa de que elas não percam sua feminilidade (Beauvoir, 2009).

O termo *pós-feminino* surgiu na década de 1980, na imprensa estadunidense criticando lacunas e ineficácia dos femininos da segunda e da terceira onda. De acordo com Angela McRobbie (2004, p. 255-256), as contradições do pós-feminismo podem ser compreendidas a partir da “coexistência de valores conservadores em relação ao gênero, à sexualidade e à vida familiar [...] com os processos de liberação relativos à escolha e à diversidade nas relações domésticas, sexuais e parentais”. Todavia, é um conceito que não nega o feminismo, mas reflete sobre como a sociedade mudou após as conquistas femininas.

Para Beauvoir (2009, p. 200), “a mulher só se tornou livre tornando-se cativa; renuncia a esse privilégio humano para encontrar de novo sua força de objeto natural”. Nessa questão, Beauvoir (2009, p. 89) ainda afirma que “ao passo que o homem continua apropriar-se das funções que abrem essa sociedade para a natureza e o conjunto da coletividade humana”. Assim, as colocações de Beauvoir evidenciam a complexidade do protagonismo feminino, que embora seja marcado por avanços significativos, carrega o peso de uma liberdade conquistada em meio a desafios e resistência. Esse cenário reflete que essa representatividade feminina não se limita à conquista de espaço, mas também à luta contínua por uma ressignificação de papéis em uma sociedade ainda marcada por desigualdades estruturais.

4 ANNE, SUAS JORNADAS E RESSONÂNCIAS NA PÓS-MODERNIDADE

Neste capítulo, analisamos como a série *Anne with an E* expande e/ou atualiza a representação da mulher presente no livro *Anne de Green Gables*. Para este procedimento, identificamos na obra literária eventos narrativos que julgamos importantes para a discussão a respeito das questões que envolvem o protagonismo feminino e, em seguida, confrontamos à obra televisiva, considerando um episódio das três temporadas produzidas, como já mencionamos.

4.1 Do clássico ao contemporâneo: transformações de *Anne de Green Gables* e *Anne with an E*

Este estudo usa a tradução intersemiótica como bússola para analisar uma transformação fascinante da história de *Anne de Green Gables* (1908), originalmente contada através de palavras, ganhou novas camadas de significado na série *Anne with an E* (2017-2019), que fala através de imagens, sons e expressões.

Lucy Maud Montgomery, a autora canadense por trás da obra, tinha um dom notável: mesmo escrevendo no início do século XX, ela conseguiu capturar questões universais que continuam a ecoar hoje. Seus livros – especialmente *Anne de Green Gables*, publicado em 1908 pela editora L.C. Page em Boston – falam de identidade, pertencimento e resiliência de um jeito que parece conversar diretamente com o nosso tempo. Segundo o website “The Canadian Encyclopedia”, foram vendidos um total de 19.000 exemplares do livro nos primeiros meses. Convém enfatizar que somente após trinta e cinco anos houve edição canadense da primeira obra da autora Lucy.

A transição entre a obra literária *Anne de Green Gables* e sua adaptação televisiva contemporânea *Anne with an E* é marcada por significativas transformações temáticas, narrativas e ideológicas que irão ser analisadas à luz do pós-modernismo. A série *Anne with an E* representa um fenômeno cultural típico do nosso tempo – aquele que surgiu no final do século XX marcado pela valorização de múltiplas vozes, pelo questionamento de antigas certezas e pela releitura crítica de narrativas consagradas. Ao reinventar um clássico da literatura infantojuvenil, a produção canadense conseguiu algo especial: inserir nas aventuras de Anne discussões atuais sobre identidade, diversidade e equidade social, criando uma

ponte entre o século passado e as inquietações do público jovem de hoje.

A obra original de Lucy Maud Montgomery, *Anne de Green Gables* (cuja edição de 2021 mantém o texto de 1908), está profundamente enraizada em seu contexto histórico – uma época de convenções sociais rígidas, especialmente no que dizia respeito aos comportamentos esperados de meninas e mulheres. Foi justamente contra esses limites que a personagem Anne, com sua personalidade vibrante e questionadora, acabou se tornando um símbolo inesperado de resistência. Na época, as mulheres eram restritas ao espaço doméstico e à conformidade em seguir padrões de comportamentos exigidos pela sociedade considerados adequados.

Com isso, na obra literária, a protagonista Anne Shirley marca o início da história com sua trajetória cheia de desafios, mesmo sendo apenas uma criança de onze anos. Órfã, ela é enviada por engano para viver com os irmãos Matthew e Marilla Cuthbert na fazenda Green Gables, localizada no pacato vilarejo de Avonlea, no Canadá. Os Cuthbert esperavam adotar um menino que pudesse ajudá-los nos trabalhos da propriedade – alguém "velho o bastante para ser útil e jovem o bastante para ser educado" (Montgomery, 2021, p. 13). No entanto, deparam-se com Anne, uma menina falante, sonhadora e de espírito livre, cuja imaginação fervorosa e olhar curioso sobre o mundo logo cativam – e, por vezes, desconcertam – os moradores daquela comunidade rígida e tradicional. A escritora descreve-a desta maneira:

Uma criança de onze anos, usando um vestido muito curto, muito apertado, muito feio, de flanela de algodão amarelo acinzentado. Ela usava um chapéu de marinheiro marrom desbotado, e sob o chapéu, desciam até as suas costas duas tranças de cabelo muito grosso e definitivamente ruivo. Seu rosto era pequeno, branco e fino e também cheio de sardas; sua boca era grande, assim como os olhos, que pareciam ou cinzas, conforme a luz e o humor dela (Montgomery, 2021, p. 18).

Nesse trecho, a protagonista é descrita pela primeira vez na obra. A apresentação física detalhada reflete tanto na aparência singular da personagem quanto em seus traços de personalidade. Mesmo diante das dúvidas iniciais de Marilla adotá-la, Anne conquista o coração dos irmãos e da comunidade de Avonlea com sua personalidade vibrante e ideias criativas.

[...] – Oh, era maravilhoso... maravilhoso. Foi a primeira coisa que já

vi que não poderia ser melhorada pela imaginação. Ele me satisfaz bem aqui – ela colocou uma das mãos sobre o peito - e me deu uma dor estranha e curiosa, mas, ainda assim, era uma dor agradável. Já sentiu alguma dor assim, senhor Cuthbert?

– Bem, eu simplesmente não consigo me lembrar de já ter sentido.

– Eu sinto isso várias vezes... sempre que vejo algo regiamente lindo. Mas eles não deveriam chamar aquele lugar adorável de Avenida. Um nome como esse não carrega nenhum significado. Eles deveriam chamar de... deixe-me ver... a Trilha Branca das Delícias. Não é um nome simpático e criativo? Quando não gosto do nome de um lugar ou de uma pessoa, sempre imagino um novo nome e sempre penso nessas pessoas e lugares com esse nome novo (Montgomery, 2021, p. 27).

No trecho, Anne rebatiza a estrada com Matthew, denominando-a “Trilha Branca das Delícias”, fica evidente sua personalidade vibrante e cheia de criatividade. Ao dar um novo nome ao lugar, movida por sensibilidade e emoção, ela desafia o que é puramente objetivo e mostra como gosta de reinventar o mundo ao seu redor. Para Anne, as palavras, são mais que comunicação – são uma forma de “colorir” a realidade, reforçando sua mente sonhadora e sua recusa em se conformar com o comum.

[...] – Ela levou Lily Jones consigo. Lily só tem cinco anos, e é muito bonita, e tem cabelos castanhos. Se eu fosse muito bonita e tivesse cabelos castanhos, a senhora ficaria comigo?

– Não. Queremos um menino para ajudar Matthew na fazenda. Não vemos utilidade para uma garota. Tire o seu chapéu. Vou deixá-lo junto com a sua mala na mesa da antessala (Montgomery, 2021, p. 35).

O diálogo em questão ressalta as normas de gênero da sociedade na época, em que a protagonista feminina é vista como incapaz de realizar as tarefas da fazenda. No entanto, esse eixo também reforça a capacidade da personagem ao ser ousada e questionadora, desafiando as normas de sua época. Anne apresenta-se como uma figura subversiva, uma jovem órfã que desafia os padrões ao expressar opiniões fortes, uma curiosidade não muito comum diante das demais personagens e independência de pensamento.

– Bem, não quero ser ninguém além de mim mesma, mesmo que eu tenha de viver sem o consolo dos diamantes – declarou Anne. – Fico muito feliz de ser Anne de Green Gables, com meu colar de contas de madrepérolas. Sei que Matthew me deu esse colar com tanto amor quanto já foi depositado nas joias da Senhora Madame de

Rosa (Montgomery, 2021, p. 312).

O trecho acima mostra a postura independente de Anne na obra *Anne de Green Gables*, pois ela valoriza quem ela é, mesmo sem símbolos de riqueza ou *status*, como os diamantes. Ao evidenciar que está feliz consigo mesma, ela reforça um protagonismo feminino baseado na autenticidade, questionando a ideia de que a mulher precisa buscar validação na aparência. No entanto, na adaptação televisiva *Anne with an E* leva esse posicionamento expande com uma fala marcante de Anne no episódio “Obstinada como a juventude”: “Não quero me casar com ninguém. Quero ser alguém por mim mesma” (Episódio 3, 1^a temporada). Essa fala destaca como a personagem de destaque questiona o papel que a sociedade do século XIX impunha às mulheres. Suas palavras reforçam sua busca por independência, crescimento e felicidade autêntica, longe dos padrões da época.

No decorrer da história, Anne enfrenta diversos desafios – seu passado difícil, à adaptação de um novo ambiente – porém um dos que mais chama a atenção do leitor é relacionado ao preconceito devido a sua aparência diante dos padrões de beleza impostos pela sociedade. A reação da criança diante disso é exposta através de muita inquietação e protesto diante dos princípios que a cerca, pois ela carrega mágoas e apresenta ao leitor o seu ponto fraco: a sua aparência. Um dos acontecimentos que demonstra a insatisfação de Shirley quando se trata desse assunto é a apresentação de Gilbert Bythe no romance:

Gilbert Blythe não estava acostumado a se dar o trabalho de fazer com que uma garota olhasse para ele e fracassar nisso. Ela deveria olhar para ele, aquela tal de Shirley, ruiva e com o queixinho pontudo e os olhos grandes que não eram como os olhos de nenhuma outra garota na escola de Avonlea. Gilbert estendeu o braço, pegou a ponta longa trança vermelha de Anne, segurou-a bem alto, e disse em um sussurro bem agudo: – Cenouras! Cenouras!
 Então, Anne lançou um olhar fulminante para ele! Ela fez mais do que olhar. Levantou-se com um pulo, pois seus devaneios vívidos haviam sido completamente arruinados. Ela lançou um olhar de indignação para Gilbert com olhos cuja centelha de raiva foi rapidamente apagada por lágrimas de semelhantemente raiva. – Seu garoto mal e detestável! – exclamou ela intensamente. – Como ousa?! E então... Pou! Anne batera com sua lousa na cabeça de Gilbert e a quebrara, a lousa, e não a cabeça, ao meio (Montgomery, 2021, p. 129).

A reação de Anne nesse ocorrido representa uma personagem que se

aproxima da realidade de muitas jovens nessa faixa etária, pelas quais a insegurança se torna gatilhos que resultam em atos como este, se distanciando assim das exigências atribuídas ao sexo feminino.

Com o passar do tempo, Shirley conquista amizades, como sua ligação com Diana Barry, sua melhor amiga, e sua rivalidade transformada com o passar do tempo em admiração com Gilbert Blythe. A trama aborda temas como amizade, família, pertencimento e a luta por um lugar no mundo, enquanto Anne amadurece, superando os obstáculos e trazendo alegria à vida dos Cuthbert e de todos ao seu redor. A obra *Anne de Green Gables* reflete os valores e desafios das mulheres em um mundo limitado por exigências conservadoras da época, tais como os papéis de gênero restritivos, mas também, denota possibilidades de autonomia feminina dentro desse contexto.

A história de Anne ganhou destaque com a série *Anne with an E*, transmitida pela Netflix. Sob a produção de Moira Walley-Becket, a adaptação é composta por três temporadas, lançadas entre os anos de 2017 e 2019. Diferentemente do livro, que enfatiza os desafios individuais da protagonista em destaque Anne Shirley, a série amplia os temas abordados, adicionando assuntos da pós-modernidade, como diversidade, empoderamento feminino, diversidade, direitos LGBTQIA e racismo. Macedo (2021) comenta a trajetória de criação da série sob a perspectiva da adaptadora e sua relevante contribuição ao integrar questões contemporâneas na adaptação:

Nem todos os episódios correspondem a capítulos do livro. Isso porque o conteúdo dos 27 episódios da série não é todo encontrado no livro de Montgomery. *Anne with an E* levanta questões relacionadas ao racismo (inclusive o tratamento de populações indígenas), à homofobia e ao feminismo que não estão presentes no romance de 1908. Há inserções de enredos e personagens e uma estratégia geral de atualização dos temas abordados, como foi declarado pela própria produtora. Walley-Beckett explica o seu posicionamento, salientando que ela e outros produtores viram o fim dos anos 2010 como o momento ideal para a adaptação de *Anne de Green Gables* (Macedo, 2021, p. 54).

Diante disso, observa-se que adaptação se distancia do conservadorismo exposto na obra original, ampliando esse protagonismo ao abordar de maneira explícita temas de empoderamento feminino e diversidade. Anne não é só uma personagem central na narrativa – ela é a faísca que “incendeia” a consciência das

outras figuras da obra, incentivando-as para a luta por seus direitos, para o questionamento sem medo e para a expressão livre numa sociedade que ainda engatinha rumo à equidade de gênero.

Já Shirley vai mais fundo: expõe sem pudor as desigualdades e opressões entranhadas no sistema, ecoando com força as inquietações da pós-modernidade. Essa transformação reflete as alterações sociais e culturais, enfatizando a desconstrução de narrativas tradicionais e reconstrução de sentido relacionado aos papéis femininos.

O livro original dialoga com sua época, já a série encontrou reverberação nas discussões atuais em respectivos contextos. Tanto a obra literária quanto a adaptação televisiva são de extrema relevância no empoderamento da mulher e na formação de leitores e espectadores críticos, contribuindo para debates sobre identidade e equidade de gênero, reafirmando o valor do protagonismo feminino em diferentes épocas.

O pós-modernismo, conforme aponta Hall (2003, p. 7), “propõe uma nova forma de entender a identidade cultural, não mais como algo estático e essencialista, mas como um processo dinâmico e em constante transformação”. Essa ideia é perceptível na maneira como a série *Anne with an E* reconstrói a trajetória da protagonista. No romance original, Anne cresce dentro dos limites impostos pela sociedade de sua época, seguindo um caminho de amadurecimento que, por mais encantador que seja, não desafia as normas vigentes. Já a adaptação televisiva transforma sua jornada em algo muito maior: ela não apenas questiona os papéis de gênero, os modelos de família e os preconceitos enraizados, como também desafia abertamente as expectativas sufocantes colocadas sobre as mulheres.

Na série, a identidade de Anne é forjada não apenas pela imaginação vibrante e pelo espírito sonhador, mas também por experiências duras – traumas de infância, exclusão, pobreza – que a tornam mais humana e mais rebelde. E é justamente essa combinação de vulnerabilidade e resistência que a leva a enfrentar as injustiças sociais com uma coragem que a versão original apenas insinuou. A narrativa televisiva investe na desconstrução de estereótipos e na inserção de temas contemporâneos, aspectos ausentes ou suavizados na obra original (primeira obra). Ou seja, a série confere um caráter social intensamente ancorado nas discussões atuais.

Outro elemento característico do pós-modernismo é a valorização da

multiplicidade de vozes e da fragmentação narrativa. *Anne with an E* não segue uma estrutura linear; ao contrário, apresenta *flashbacks*, perspectivas variadas e construções simbólicas que aprofundam as experiências internas das personagens. Essa abordagem contrasta com a linearidade e o tom mais ingênuo e idealista da narrativa de Montgomery, cuja Anne, apesar de criativa, ainda busca se encaixar em um modelo feminino tradicional, pautado pelo ideal doméstico.

Diante disso, a adaptação televisiva de *Anne de Green Gables* para o formato em série em *Anne with an E* representa não apenas uma releitura, mas uma ressignificação da obra original sob a ótica pós-moderna. Ao incorporar discursos contemporâneos e dar voz a sujeitos historicamente marginalizados, a série atualiza o protagonismo de Anne e o insere num contexto plural, fluido e em constante reconstrução – exatamente como propõe Hall (2003). Essa transformação revela o potencial das adaptações modernas de resgatar clássicos não apenas como entretenimento, mas como instrumentos de reflexão cultural e social.

Partindo do livro literário, buscamos uma possível correspondência com cenas da série e, na sequência, elaboramos norteamentos pontuais relacionados às implicações que sugerimos ter com o mundo feminino, em termos metodológicos para esta pesquisa, de tal modo que o primeiro norteamento trata da abertura para o *Conhecimento das inquietações sociais no universo feminino*, o segundo norteamento revela a *Consciência feminina diante de si e do mundo* e o terceiro norteamento aponta para as *Possíveis mudanças de realidades da mulher*.

4.1.1 Conhecimento das inquietações sociais no universo feminino

A obra *Anne de Green Gables*, escrita por Lucy Maud Montgomery no início do século XX, narra as vivências da personagem Anne Shirley, uma menina orfã que, por um engano do destino, é acolhida pelos irmãos Cuthbert em sua fazenda. A sua chegada não só muda sua própria vida, como também com o cotidiano dos irmãos em Green Gables, deixando uma marca que vai muito além do simples acaso que a levou até lá.

A cena da chegada de Anne em Green Gables ocorre no decorrer do capítulo três, denominado “Marilla Cuthbert é surpreendida”. Os irmãos Cuthbert, moradores da fazenda Green Gables, planejam adotar um menino para ajudar nos afazeres do campo, já que Matthew, com sua saúde debilitada, já não conseguia lidar com tudo

sozinho. Mas a sorte – ou um erro da senhora Spencer, encarregada do processo da adoção – trouxe Anne até eles. Anne chega à estação de trem, é recebida por Matthew e conversa o caminho inteiro até Green Gables. Quando Marilla descobre que Anne foi enviada por engano, ela fica irredutível com relação à adoção de uma menina.

A narrativa da obra revela os obstáculos que Anne enfrenta ao se mudar para Avonlea, uma vila marcada por costumes rígidos e expectativas bem definidas, especialmente para as mulheres. Em um mundo onde as meninas eram frequentemente subestimadas, ela esbarra no preconceito e na resistência de uma comunidade que nunca permitiu a presença feminina em um lugar semelhante ao de um menino. O trecho, a seguir, expressa a frustração de Anne ao perceber que sua chegada não era bem-vinda:

[...] – Vocês não me querem! – berrou ela. – Vocês não me querem porque eu não sou um menino! Eu deveria ter esperado por isso. Ninguém jamais me quis. Eu deveria ter me dado conta de que era tudo lindo demais para ser verdade. Eu deveria ter percebido que de fato ninguém me queria. Oh, o que farei? Vou desatar a chorar! (Montgomery, 2021, p. 33).

Essa fala revela uma dor profunda: a consciência de que, desde a infância, Anne carrega o peso de uma sociedade que desvaloriza as mulheres. Sua angústia não é apenas pessoal, mas um reflexo de uma desigualdade. A manutenção da mulher na sociedade é vista somente como provedora do lar acentuando a submissão e contribui para o “eterno feminino”, como explicita Beauvoir (2009).

A concepção abordada por Beauvoir (2009) critica a maneira como a sociedade nega à mulher uma dimensão fundamental da existência humana: o direito de ser reconhecida como pessoa, cidadã e indivíduo único. Em vez disso, ela é reduzida a um reflexo do masculino, como se fosse apenas um complemento do homem, sem autonomia ou identidade própria.

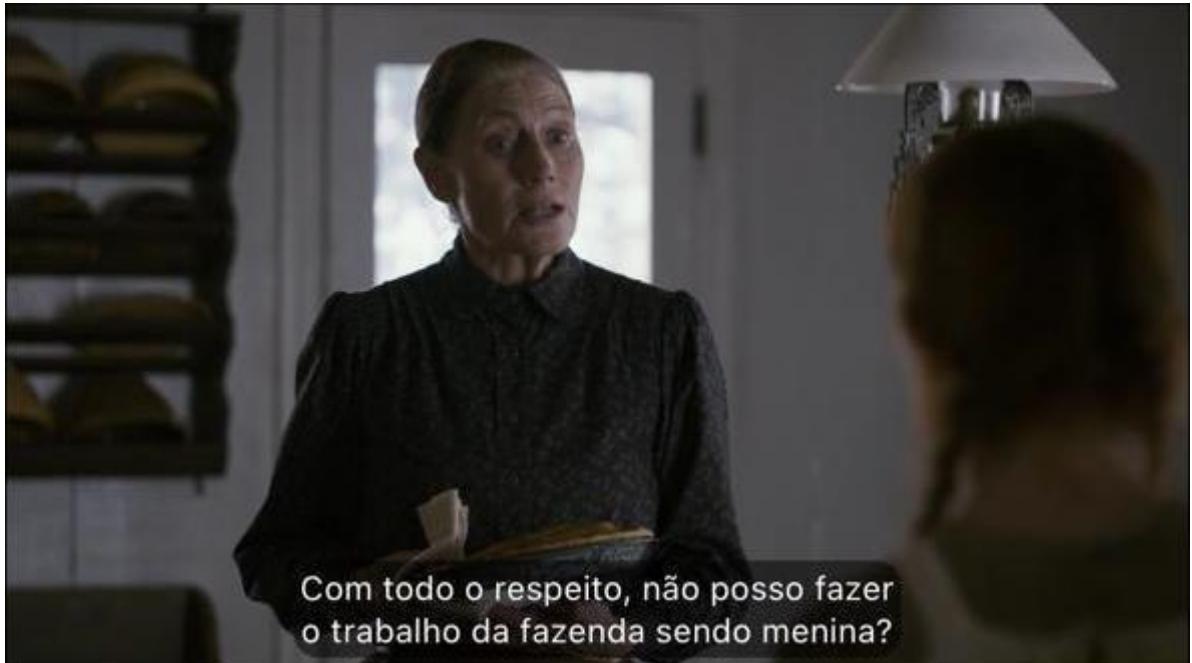
A adaptação televisiva *Anne with an E* (Netflix, 2017) opta por destacar essas inquietações, trazendo temas como o feminismo, a igualdade de gênero e a luta por direitos. Um exemplo dessa atualização ocorre logo no primeiro episódio da primeira temporada da série intitulado “Sua determinação dita seu destino”. Nesse episódio, pode-se perceber a mesma representação acima, quando Anne e Matthew chegam a Green Gables, são recebidos por Marilla Cuthbert que fica extremamente surpresa

ao ver uma menina ao invés do menino que esperava. Ao Anne compreender a confusão, reage com choros e gritos. Um comportamento correspondente à sua idade, bem como com a grande decepção que estava tendo que lidar, porém, considerado completamente inadequado para alguém educado, segundo os padrões sociais do período. Esse descompasso entre o comportamento de Anne e as expectativas sociais não é casual. Tendo vivido em orfanatos e lares temporários, Anne não foi moldada pelos mesmos preceitos rígidos que regiam as jovens daquele período. Como aponta Beauvoir (2009), a passividade associada ao ideal feminino não é inata, mas sim construída socialmente desde a infância.

Assim, a passividade que caracterizará essencialmente a mulher “feminina” é um traço que se desenvolve nela desde os primeiros anos. Mas é um erro pretender que se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade (Beauvoir, 2005, p. 21).

Anne, porém, rompe com esse modelo. Ela não se comporta de forma submissa, pois Montgomery lhe conferiu características que a tornam uma pessoa forte, autêntica e determinada a agir conforme suas convicções, não pelas expectativas alheias. Ao perceber que não a desejavam por ser uma menina (figura 1), a protagonista questiona Marilla ao perguntar: “Com todo respeito, não posso fazer o trabalho da fazenda sendo menina?” (*Anne with an E*, T1E1, 24min40s), em seguida afirma com firmeza (figura 2): “[...] meninas podem fazer tudo que garotos fazem, e mais!” (*Anne with an E*, T1E1, 25min29s) e finaliza sua fala ao perguntar: “A senhora se sente frágil e incapaz? Porque eu não me considero” (*Anne with an E*, T1E1, 25min45s). Assim, a postura de Anne não só reforça sua individualidade, mas também explicita o posicionamento da forma narrativa em relação às desigualdades de gênero, cumprindo adesão às pautas sociais emergentes da atualidade.

Figura 1 – Anne questiona Marilla em busca de respostas (24min40s)



Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017).

Figura 2 – Anne questiona Marilla acerca da diferença no tratamento entre meninos e meninas (25min29seg)



Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017).

Figura 3 – Anne comenta sua opinião (25min45s)



Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017).

Ao reagir com convicção, a personagem não apenas se impõe, demonstrando sua autoconfiança, mas também expressa a consciência de sua própria capacidade e valor. Tal posicionamento reflete a proposta da série de ampliar as discussões presentes na obra original. Como defende o teórico da adaptação Stam que cada adaptação é, na verdade, “uma leitura crítica que responde a uma nova conjuntura cultural” (Stam, 2006, p. 22).

Tanto no livro quanto na série, a personagem desafia os limites impostos ao feminino, tornando-se um símbolo de resistência e autonomia. O roteiro da série mantém traços da obra original, seja nos diálogos, seja na construção das personagens. Porém, a protagonista vive novas experiências em situações inéditas, inseridas para discutir temas sociais atuais. Um dos pontos centrais é justamente a reflexão sobre a luta das mulheres por seu lugar na sociedade.

Assim, enquanto o livro de Montgomery já trazia essas questões, a série as explicita, atualizando o debate e reforçando a relevância de Anne como uma figura que transcende seu tempo, inspirando reflexões sobre gênero, identidade e liberdade.

A cena em análise, tanto no livro *Anne de Green Gables* quanto na adaptação *Anne with an E*, não se resume a um simples momento de decepção e engano. Ele

escancara e faz com que o espectador/leitor reflita como a condição feminina é moldada por expectativas advindas da sociedade que cerceiam desde a infância. Quando Anne chora e protesta por ser rejeitada – mais uma vez – por não ser um menino, sua reação não é apenas a dor de uma criança indesejada, mas a revolta contra um sistema que historicamente menospreza o feminino.

Beauvoir já alertava que “é um erro pretender que a passividade feminina se trata de um dado biológico: na verdade, é um destino que lhe é imposto por seus educadores e pela sociedade” (Beauvoir, 2009, p. 21). Anne, porém, resiste a esse destino. Sua fala não só se baseia em apenas uma defesa pessoal como também um desafio direto às normas que tentam definir o que uma mulher pode ou não ser/fazer.

A série amplifica essa crítica, alinhando-se ao que Alós e Andreta identificam como o olhar da crítica literária feminina que busca “lançar um novo olhar sobre os textos a partir da categoria mulher, considerando o modo como o feminino é representado e os efeitos sociais dessa representação” (Alós; Andreta, 2017, p. 16). Se Montgomery, em seu contexto histórico, aborda essas questões de forma mais discreta, a adaptação as coloca em primeiro plano, transformando Anne não apenas numa protagonista sonhadora, mas em uma personagem consciente de seus direitos.

Diante disso, é perceptível que essa consciência social precoce em Anne não é acidental. Como observa Amaral, as representações femininas que se afastam dos padrões formativos estão “em conflito com os modelos tradicionais que delimitam os espaços e comportamentos das mulheres” (Amaral, 2004, p. 120). Ao se recusar a aceitar a rejeição como algo natural – e ao reagir com indignação –, Anne deixa de ser apenas uma personagem sentimental para se tornar um símbolo de agência. Ela não espera permissão para existir, ela exige o seu lugar.

Assim, tanto no livro quanto na série, Anne transcende o papel de “menina forte” e se torna uma voz de resistência. Conforme observa Hutcheon, “as adaptações são palimpsestos vivos que incorporam tanto a memória da obra original quanto às exigências e expectativas do presente” (Hutcheon, 2013, p. 173). Nesse sentido, na obra literária essa resistência é mais contida, já na adaptação ela ganha corpo e urgência, refletindo os debates contemporâneos sobre gênero. E é justamente essa atualização que faz de *Anne with an E* mais do que uma releitura. É uma reinvenção necessária, que resgata a potência crítica de Montgomery e a

projeta para um novo tempo.

Desse modo, enquanto o livro de Montgomery já trazia essas questões de forma implícita, a série as explicita, atualizando o debate e reforçando a relevância de Anne como uma figura que transcende seu tempo, inspirando reflexões sobre gênero, identidade e liberdade.

4.1.2 Consciência feminina diante de si e do mundo

Partindo do entendimento de que há padrões historicamente construídos para moldar o comportamento e a aparência das personagens femininas, observa-se que Anne desafia os padrões que, há séculos, tentam definir como uma mulher deve se comportar e até mesmo como deve se parecer. Suas características físicas, longe dos ideais tradicionais de beleza e feminilidade, são justamente o que a torna única, desempenhando um papel central nesse processo de desconstrução. Enquanto as amigas ao seu redor seguem o esperado, ela constroi sua própria identidade – forte, autêntica e totalmente consciente do seu lugar no mundo.

A imposição dos padrões de beleza afeta Anne no seu cotidiano, fazendo com que ela enfrente as consequências dessa construção social. Logo no início da história, a vizinha da fazenda Green Gables, Rachel Lynde – uma mulher crítica e cheia de preconceitos –, desdenha da aparência da jovem assim que a conhece. Mas Anne não fica em silêncio. Ela não só demonstra o quanto aquelas palavras a magoaram ao dizer: “– Ela é terrivelmente magra e feiosa, Marilla. Venha cá, menina, e deixe-me olhar bem para você. Minha nossa, alguém já viu sardas como estas? E cabelos da cor de cenouras! Venha cá, menina, eu já disse” (Montgomery, 2021, p. 78), como também, em sua resposta, deixa transparecer toda a força e a determinação que moldam sua personalidade.

Anne “foi lá”, mas não exatamente do modo como a senhora Rachel esperava. Com um pulo, atravessou o piso da cozinha e ficou de pé diante da sra. Rachel, com o rosto escarlate de raiva, os lábios trêmulos e todo o seu corpo esguio tremendo inteiro da cabeça aos pés. – Eu a odeio – exclamou ela, com a voz embargada, pisoteando o chão. – Eu a odeio... Eu a odeio... Eu a odeio... – E pisoteava o chão com mais força a cada declaração de ódio. – Como se atreve a me chamar de magra e feia? Como se atreve a dizer que sou sardenta e ruiva? A senhora é uma mulher grossa, mal-educada e insensível! – Anne! – exclamou Marilla, consternada. Mas Anne continuou a encarar a senhora Rachel impavidamente, com a cabeça

erguida, olhos em chama, punhos cerrados e uma indignação exaltada emanando dela como uma atmosfera (Montgomery, 2021, p. 78).

O comentário cruel da senhora Lynde não foi apenas uma crítica passageira – foi mais um golpe dos padrões de beleza que a sociedade insiste em impor. A reação de Anne, porém, vai além da mágoa, pois é um apelo de revolta contra essas expectativas sufocantes. Em sua explosão de indignação, vemos não só a dor de uma jovem ferida, mas também a centelha de resistência que a define. E esse não é um momento isolado. Mais adiante, quando Gilbert Blythe, seu colega de turma, provoca Anne com um apelido sobre seus cabelos, a explosão e a fúria que se segue revela o quanto essa ferida está aberta:

Gilbert Blythe não estava acostumado a se dar o trabalho de fazer com que uma garota olhasse para ele e fracassar nisso. Ela deveria olhar para ele, aquela tal de Shirley, ruiva e com o queixinho pontudo e os olhos grandes que não eram como os olhos de nenhuma outra garota na escola de Avonlea. Gilbert estendeu o braço, pegou a ponta da longa trança vermelha de Anne, segurou-a bem alto, e disse em um sussurro bem agudo: – Cenouras! Cenouras! Então, Anne lançou um olhar fulminante para ele! Ela fez mais do que olhar. Levantou-se com um pulo, pois seus devaneios vívidos haviam sido completamente arruinados. Ela lançou um olhar de indignação para Gilbert com olhos cuja centelha de raiva foi rapidamente apagada por lágrimas de semelhante raiva. – Seu garoto mau e detestável! – exclamou ela intensamente. – Como ousa?! E então... pou! Anne batera com sua lousa na cabeça de Gilbert e a quebrara. a lousa, e não a cabeça, ao meio (Montgomery, 2021, p. 129).

Da mesma forma, na série *Anne with an E*, esse aspecto também é destacado. A personagem vive um grande sofrimento devido aos padrões estéticos impostos pela sociedade. Momentos como o confronto com Rachel Lynde que a critica pela aparência ao comentar (figura 4): “É magra e sem graça demais, Marilla” (*Anne with an E*, T1E1, 55min 40s), Anne reage (figura 5): “– Eu te odeio, eu te odeio, eu te odeio. Como você ousa me chamar de magra e feia? Como ousa me chamar de ruiva e sardenta?” (*Anne with an E*, T1E1, 55min 50s), e as provocações de Gilbert Blythe (figuras 6 e 7), ao se defender dizendo: “– Não vou falar com você!” (*Anne with an E*, T1E3, 40min 24s), ganham uma carga emocional ainda mais intensa, mostrando a vulnerabilidade de Anne frente às críticas sobre sua aparência, mas também sua força ao reagir e reafirmar a sua identidade.

Figura 4 – Rachel Lynde ofende Anne Shirley ao criticar sua aparência (55 min 30seg)



Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017)

Figura 5 – Anne confronta Rachel Lynde perante as suas críticas (55min 50seg)



Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017)

Figura 6 – Gilbert Blythe provoca Anne ao jogar pedrinhas para chamar sua atenção



Desculpa.

Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017)

Figura 7 – Anne reage às provocações de Gilbert Blythe (40min 24seg)



Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017)

A fúria de Anne, em ambas as cenas, mostra uma protagonista que reflete tantas jovens da sua idade, cheias de inseguranças sobre o próprio corpo – sentimentos que acabam virando gatilho para reações que desafiam as expectativas

tradicionais impostas às mulheres. Diante disso, surge uma garota que não se curva. Anne não fica em silêncio e nem abaixa a cabeça – ela revida, quebrando as expectativas da sociedade que espera das mulheres submissão e delicadeza, especialmente diante de um rapaz. O personagem Gilbert, acostumado a ser considerado um menino esperto, de repente se vê diante de alguém tão inteligente e afiado quanto ele. E isso o desconforta. Inseguro, tenta reafirmar sua posição da única forma que sabe: humilhando-a, tentando diminuí-la na frente dos demais colegas de turma. Como diz Beauvoir (2018):

Para todos os que sofrem de complexo de inferioridade, há nisso um linimento milagroso: ninguém é mais arrogante em relação às mulheres, mais agressivo ou desdenhoso do que o homem que duvida de sua virilidade. Os que não se intimidam com seu semelhante mostram-se também muito mais dispostos a reconhecer na mulher um semelhante (1979, p. 19, *apud* Ramalhete; Sten, 2018, p. 8).

A força da menina que desconstroi esse lugar de fala predominantemente masculino configura-se como uma transgressão paradigmática aos estereótipos de gênero historicamente consolidados no cânone literário juvenil. As cenas em questão ilustram, de maneira marcante, a consciência feminina de Anne, tanto em relação a si mesma quanto ao mundo que a cerca, estando presentes tanto na obra literária quanto na adaptação televisiva. Como destaca Hutcheon (2013, p. 22), “a adaptação é uma transposição criativa e uma recriação interpretativa”, permitindo que a série atualize e intensifique a representação das cenas, potencializando a crítica social e a construção da autonomia feminina.

Sua resposta às provocações de Rachel Lynde e Gilbert Blythe não se restringe a uma mera defesa de sua individualidade, mas revela uma clara percepção das estruturas normativas que condicionam o comportamento feminino em sua sociedade. Anne demonstra uma intuição diante das restrições impostas às mulheres, recusando-se a conformar-se ao modelo passivo e dócil esperado de uma jovem de sua época. Sua reação, portanto, não se limita a um conflito interpessoal, mas configura-se como um ato de resistência diante das expectativas de gênero vigentes na sociedade.

4.1.3 Possíveis mudanças de realidades das mulheres

Ao longo dos séculos, a luta das mulheres por direitos iguais revolucionou a sociedade, tendo conquistado espaços que antes lhe eram sistematicamente negados por leis, tradições e estruturas sociais patriarcais, principalmente no eixo da educação. Em meados do século XIX, o conhecimento foi visto como propriedade masculina – universidades e centros de estudo eram territórios proibidos para mulheres, confinadas aos espaços domésticos e a funções subalternas.

A mudança só veio através da resistência incansável de mulheres que lutaram em busca de seus direitos. Como ressaltam Mendes, Vaz e Carvalho (2015, p. 90), o movimento feminista possibilitou “grandes conquistas como direito ao voto, ao estudo, inserção no mercado de trabalho, divórcio e outras, consolidando uma maior participação feminina na sociedade”.

Ter acesso à universidade, planejar uma profissão ou ser valorizada pela própria inteligência não são direitos antigos, mas conquistas cruciais para a liberdade feminina. Como destaca Beauvoir (2009, p. 766), “a mulher emancipada é aquela que tenta transcender a condição de objeto, para tornar-se sujeito de sua própria existência”. Essa reflexão ecoa de maneira visceral na trajetória da protagonista tanto em *Anne de Green Gables* quanto em *Anne with an E*, especialmente acerca do direito de estudar e moldar seu próprio futuro.

No capítulo da obra *Anne de Green Gables* nomeado “Uma aluna da Queen’s”, Anne Shirley não apenas sonha alto, ela ousa verbalizar sua fome de conhecimento com uma paixão que desafia as expectativas da época:

– Vou ganhar essa bolsa se isso depender apenas de estudar com afinco – decidiu ela. – Matthew não ficaria muito orgulhoso se eu me tornasse licenciada em Humanidades? Oh, é delicioso ter ambições. Fico muito contente que eu tenha tantas. E elas parecem não ter fim: esta é a melhor parte. Assim que você conquista uma ambição, chega outra brilhando ainda mais. Isso torna a vida interessante demais (Montgomery, 2021, p. 320).

Esse trecho não é apenas um comentário, é também um manifesto. Nele, Anne não apenas reconhece seu direito ao saber, mas celebra a própria ambição como algo “delicioso”, uma fonte de alegria. Em uma época em que as meninas eram diminuídas e tendo que abdicar dos seus sonhos em prol das expectativas da

família e/ou sociedade, a protagonista da obra reafirma que seus sonhos “não têm fim”. Essa fala não seria revolucionária em um personagem masculino, mas em uma jovem no final do século XIX, é quase subversiva. Enquanto a literatura juvenil moldava heroínas doces, resignadas e sem desejo de grandeza, Anne altera esse contexto e quebra os paradigmas. Montgomery constrói uma personagem cativante que rompe com o padrão tradicional da literatura juvenil.

Na série televisiva *Anne with an E*, a dimensão das mudanças de realidade das mulheres é ressaltada de maneira ainda mais enfática na terceira temporada, episódio dez, denominado “De coração para coração”. A personagem de destaque se comporta como uma jovem que enxerga o seu próprio valor e não se conforma com um futuro restrito ao lar. Apesar das pressões impostas pela sociedade e das incertezas sobre o lugar da mulher no mundo, a série deixa claro que o saber é um caminho para a liberdade.

Em se tratando do aspecto da educação, a seguir, a cena transporta diretamente os alunos da turma, que se reúnem, agitados e ansiosos, esperando os resultados. O silêncio pesa no ar até a professora entrar, segurando a lista oficial, antes de entregar, parabeniza a turma por todo o esforço e dedicação de cada um (figura 8). Com um gesto rápido, ela coloca a lista de aprovados na mesa e a turma se amontoa para conferir, onde Anne ouve, como o coração acelerado, que foi aprovada na prova em primeiro lugar – a mesma pela qual ela se empenhou nos estudos – através de uma colega de turma que afirmou empolgada (figura 9): “O Gilbert e Anne empataram em primeiro lugar!” (*Anne with an E*, T3E10, 04min 40s).

Figura 8 – A professora da turma elogia os alunos diante das aprovações



Tenho orgulho de quão duro todo mundo
trabalhou e de como vocês se superaram.

Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017).

Figura 9 – Anne é aprovada na universidade Queen's Academy



Gilbert e Anne
empataram em primeiro!

Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017).

Figura 10 – Anne comemora com suas amigas a aprovação na prova



Fonte: Captura de tela feita pela autora (Netflix, 2017).

Naquele momento, fica evidente que Anne Shirley não é mais somente a órfã sonhadora de Green Gables, mas uma protagonista do próprio destino. O impacto emocional da cena (figura 10) é intensificado pela linguagem audiovisual, conferindo resistência por parte de Anne, diante dos limites que a sociedade impõe às mulheres.

Nesse sentido, como afirma Hutcheon (2013, p. 26), “as adaptações não são meras cópias; são recriações que dialogam com o texto original, ampliando sentidos e tornando-o acessível a novos públicos e contextos”. Observa-se que a série mantém viva a essência da ambição de Anne, mas vai além utilizando recursos visuais e emocionais, demonstrando o poder transformador que ela representa.

Com isso, a trajetória da protagonista da obra literária e da série age transformando a vida das mulheres. Tanto no romance de L. M. Montgomery quanto na versão da CBC/Netflix, estudar, ambicionar uma profissão passa a se tornar um direito a ser conquistado. A Anne da obra literária que fala com os olhos brilhando sobre ir para a universidade é a mesma que, na série, levanta orgulhosa ao ver que foi aprovada. Ambas versões não só preservam a essência da personagem, como a amplificam para os dias atuais, mostrando como o lugar da mulher na sociedade – escola, trabalho, vida pública – pode e deve ser reinventado.

A série em questão eleva o aspecto ao representar Anne como uma jovem

cada vez mais consciente de seu valor e do impacto que seu pensamento e comportamento podem causar ao seu redor. As cenas e diálogos constroem um caminho que vai além de uma conquista acadêmica, trata-se de uma conquista de si mesma. A fala da personagem na obra ao afirmar que é “delicioso ter ambições”, mostra como a personagem não apenas rompe com a ideia de submissão feminina, como também ensina que desejar, planejar e conquistar são verbos possíveis e legítimos para as mulheres.

Essa construção reforça o que Beauvoir (2009, p. 766) já apontava em sua obra: “a mulher emancipada é aquela que tenta transcender a condição de objeto para tornar-se sujeito de sua própria existência”. Ao se colocar como protagonista de sua própria vida e destino, Shirley desafia não só os padrões sociais impostos às mulheres, mas também, propõe pela via da ficção, um modelo inspirador para novas gerações.

Sua conquista da Queen's Academy é uma declaração de que mudanças de realidade são possíveis quando se une sonho, esforço e oportunidade – algo que continua sendo atual, urgente e, profundamente, necessário. Assim, tanto o livro literário quanto a série contribuem de uma forma significativa acerca do papel feminino na sociedade, retratando não só a desigualdade de gênero, como também a desafia, comprovando que a educação é uma via de transformação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta monografia analisou, de maneira comparativa, o protagonismo feminino na obra *Anne de Green Gables* (2021) e em sua adaptação televisiva *Anne with an E* (2017-2019). A partir de um percurso teórico que abordou tanto as adaptações intersemióticas quanto as discussões feministas acerca dos papéis historicamente atribuídos às mulheres, buscou-se entender como a personagem Anne Shirley foi reinterpretada na transposição do livro para a televisão, e de que maneira ela se torna um símbolo de resistência, autenticidade e força em diferentes contextos sociais.

Ao longo da análise, percebeu-se que a protagonista Anne, criada por Lucy Maud Montgomery, já se destacava, no início do século XX, como uma figura feminina que desafiava as expectativas da época. Com sua imaginação vívida, questionadora e forte senso de identidade, ela rompe com o estereótipo da personagem feminina passiva comum na literatura juvenil. No entanto, a série *Anne with an E*, produzida no século XXI, amplia e atualiza esse protagonismo, inserindo a personagem em debates contemporâneos sobre igualdade de gênero, preconceito, diversidade e empoderamento.

A comparação entre os episódios selecionados e trechos do livro revelou que a adaptação não se limita a reproduzir a história original, mas a reconstrói com base em valores pós-modernos, destacando a multiplicidade de vozes e a complexidade das questões identitárias. A Anne da série é mais assertiva, mais consciente de seu lugar no mundo e mais engajada em pautas sociais relevantes para o público atual.

Além disso, a análise mostrou que *Anne with an E* funciona como um espaço de amplificação das discussões sobre as lutas femininas, permitindo que o espectador reflita sobre dilemas que transcendem a ficção. A série televisiva incorpora temas como racismo, homofobia e identidade de gênero, estabelecendo um diálogo direto com os desafios do mundo atual. Isso reforça a ideia de que uma adaptação não deve ser vista como uma mera reprodução, mas como uma obra autônoma, com valor estético e crítico próprio – uma perspectiva defendida por teóricos como Hutcheon (2013) e Stam (2006).

Assim, conclui-se que a adaptação de *Anne de Green Gables* para *Anne with an E* promove uma mudança significativa na construção e percepção do protagonismo feminino. Enquanto o romance de Montgomery já apresentava

rupturas em relação aos padrões patriarcais, a série televisiva aprofunda essas questões e as contextualiza dentro de um novo cenário social, voltado para o protagonismo feminino e a valorização da diversidade. Essa atualização não só mantém a obra original relevante, mas também atribui à adaptação um papel educativo, contribuindo para a formação crítica do público juvenil leitor e espectador.

REFERÊNCIAS

ALÓS, Anselmo Peres; ANDRETA, Bárbara Loureiro. Crítica literária feminista: revisitando as origens. **Fragmentum**, Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 49, p. 15-31, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/fragmentum>. Acesso em: 2 dez. 2024.

AMARAL, C.I. **Representações do feminino e do masculino nas estórias infantis**. 2004. 197f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

AMORIM, Marcel Alvaro de. Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado da arte e perspectivas futuras. **Itinerários**, Araraquara, n. 36, p. 15-33, jan./jun. 2013.

ANDERSON, Chris. **A cauda longa**: do mercado de massa para o mercado de nicho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ANNE WITH AN E. Direção: Moira Walley-Beckett. Canadá: CBC/Netflix, 2017-2019. (3 temporadas, 27 episódios).

AUMONT, Jaques. **A estética do filme**. 7. ed. São Paulo: Papirus, 2009.

BEAUVIOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. vol. 1, 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERNARDET, Jean Claude. **O que é cinema**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

BRANDÃO, H. S. M. **A fábrica de imagens**: o cinema como arte plástica e rítmica. Universidade de Lisboa, Faculdade de Letras, Departamento de Filosofia, 2008.

CANCIAN, Renato. **Feminismo** - movimento surgiu na Revolução Francesa. Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm>. Acesso em: 2 dez. 2024.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 4. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

CARTMELL, D. Introduction. In: CARTMELL, D.; WHELEHAN, I. (Ed.). **Adaptations**: from text to screen, screen to text. London; New York: Routledge. 1999.

CLEMENTE, Ricardo Gomes. **Uma solução de streaming de vídeo para celulares**: conceitos, protocolos e aplicativo. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Engenharia Eletrônica). Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Rio de Janeiro, 2006.

CLÜVER, Claus. **Intermidialidade**. Disponível em:
<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/download/48493/39096/172910> Acesso em: 1 abr. 2025.

COCA, Adriana Pierre; MENDONÇA, Bruno Henrique Marques De. Segunda tela: a internet pervasiva como possibilidade de extensão dos conteúdos televisuais. **Anais do 7º Simpósio Nacional da Associação Brasileira de Cibercultura**, Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, Curitiba 2013.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2014.

COUTINHO, Afrânio. **Notas de teoria literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

FACINA, Adriana. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

HALL, Stuart. **A identidade cultural pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da adaptação**. Tradução André Cechinel. 2. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2013.

JAKOBSON, Roman. Aspectos linguísticos da tradução. In: **Linguística e comunicação**. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1976.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

JAYSWAL, Palak To Binge or Not to Binge Episode 73: 'Anne with an E'. **The Daily Utah Chronicle**. 24 março 2020. Disponível em:
<https://dailyutahchronicle.com/2020/03/24/tbontb-anne-with-an-e/> Acesso em: 31 mar. 2025.

JENKINS, Henry. **Convergence culture**: where old and new media collide. New York University Press, 2006, p. 17.

LOPES, Maria Clara da Costa. A adaptação teatral: efeitos de sentido da obra literária no texto dramático. **XVI Jornada de Iniciação Científica e X Mostra de Iniciação Tecnológica**. São Paulo, Mackenzie, 2020.

MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela**: modos de enunciação no cinema e ciberespaço. São Paulo: Paulos, 2007.

MAYER, Carolina Aires. **O protagonismo feminino proativo nas narrativas audiovisuais de ficção científica**. Natal: CCHLA, 2018.

MENDES, Raiana Siqueira; VAZ, Bruna Josefa de Oliveira; CARVALHO, Amasa Ferreira. **O movimento feminista e a luta pelo empoderamento da mulher**. Paraíba: Gênero & Direito, 2015.

MILTON, John. **Tradução**: teoria e prática. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MONTGOMERY, Lucy Maud. **Anne de Green Gables**. Tradução João Sette Camara. Jandira, SP: Principis, 2021.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, repensar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

RIBAS, Maria Cristina Cardoso. **Literatura e(m) cinema**: breve passeio teórico pelos bosques da adaptação. Alceu, v. 14, n. 28, jan./jun. 2014.

SANDERS, Julie. **Adaptation and appropriation**. 1. ed. London, Routledge, 2006.

SCHIONTEK, M.; COHENE, V. C.; BUIATTI R. O Netflix e a mudança na distribuição audiovisual com a popularização do streaming. 2017. 15 p. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, Curitiba, v. 40, p. 1-15. setembro, 2017.

SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. Os conceitos de literatura e literariedade. In: SILVA, Vítor Manuel de Aguiar e. **Teoria da literatura**. 8. ed. Coimbra: Almedina, 1990. p. 1-42.

STAM, Robert. Teoria e prática da adaptação: da fidelidade à intertextualidade. **Ilha do Desterro**. Florianópolis, n. 51, p. 18-53. jul./dez., 2006.

TARTAGLIONE, Nancy. Netflix Boards CBC's 'Anne Of Green Gables' Adaptation; Niki Caro To Helm Premiere. **Deadline** 22 agosto 2016. Disponível em: <<https://deadline.com/2016/08/netflix-cbc-drama-anne-of-green-gables-niki-caro-1201806846/>>. Acesso em: 31 mar. 2025.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultura. Trad. Boitempo, Minas Gerais, 2016.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**: uma teoria crítica da televisão. São Paulo: Ática, 1996.